

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas – DFCH
Bacharelado em Cinema e Audiovisual

Lugar Incomum

Jossiel Novais Meira
Marcos Silva Rodrigues

Vitória da Conquista – BA
Novembro de 2017

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas – DFCH
Bacharelado em Cinema e Audiovisual

Lugar Incomum

Jossiel Novais Meira
Marcos Silva Rodrigues

Memorial analítico-descritivo apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual pelo Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Luiz Silva de Oliveira
Coorientador: Prof. Msc. Filipe Brito Gama

Vitória da Conquista
Novembro de 2017

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas – DFCH
Bacharelado em Cinema e Audiovisual

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério Luiz Silva de Oliveira (Orientador)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Prof. Msc. Filipe Brito Gama (Coorientador)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Prof. Dr. Éder Amaral

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Prof.^a Msc. Érica Grisi

Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR

Local e Data da Defesa do TCC: Vitória da Conquista - BA, 17 de novembro de 2017

Resultado: _____

RESUMO

Este memorial analítico-descritivo tem como objetivo descrever as informações sobre o filme *Lugar Incomum*, um documentário sobre o Loteamento Henriqueta Prates em Vitória da Conquista. Propõem-se ideias sobre o modo de vida das pessoas e localização geográfica do espaço. O documentário sobre o bairro de Vitória da Conquista mostrará imagens do local que existe há 28 anos, além de entrevistas com três moradores que comentam sobre saneamento básico, falta de equipamentos urbanos, destruição do antigo Galpão Recicla Conquista e lazer das crianças em lugares de risco.

Palavras-chave: *Documentário, Lugar Incomum, Henriqueta Prates*

Este trabalho é dedicado aos familiares, amigos e professores que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento do trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos imensamente aos professores do Curso de Cinema e Audiovisual Macelle Khouri, Márcio Venâncio, Filipe Brito, Rogério Luiz, Éder Amaral, Mônica Medina, Milene Gusmão, Adriana Amorim e Glauber Lacerda pelas orientações feitas em sala de aula, que nos permitiram ampliar os nossos olhares aos diversos fazeres cinematográficos.

Aos profissionais da área audiovisual Renato Fernandes, Thiago Santos, Carlos Alberto Freitas pelo auxílio e colaboração nos trabalhos de edição e montagem realizados no laboratório e, principalmente, na Produtora Universitária de Vídeo - PROVÍDEO.

Nossos colegas do curso de Cinema e Audiovisual Tiago Lazzari, Cosmelúcio Costa, Amandia Moreira, Yasmim Rocha, Anderson Prado, Rayane Telles, Thaminy Brito, Diego E. Batista, Samuel Fernandes e Amandia Moreira, pela ajuda e companhia no desenvolvimento dos trabalhos que envolvem a produção de documentário.

E por fim, mas não menos especiais, nossos familiares que sempre estiveram presentes no incentivo aos nossos estudos na Universidade e também a todos nossos amigos que sempre nos ajudaram e incentivaram de alguma forma.

Tenho certeza de que o trabalho foi importante para o cumprimento das etapas. Muito obrigado a todos pela companhia e confiança. Sucesso!

Na cidade, hoje, a 'naturalidade' do objeto técnico- uma mecânica repetitiva, um sistema de gestos sem surpresa, esta historização da metafísica, crava no organismo urbano áreas 'luminosas', constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao resto da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas 'opacas'. Estes são os espaços do aproximativo e não (como zonas luminosas) espaços de exatidão, são espaços inorgânicos, abertos e não espaços racionalizados e racionalizadores são espaços da lentidão e não da vertigem.

Milton Santos, *Técnica, espaço, tempo.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 CELULAR E A DEMOCRATIZAÇÃO DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL.....	13
3 GÊNESE DO PROJETO PARA DOCUMENTÁRIO.....	14
4 SOCIALIZAÇÃO.....	15
5 PROPOSTA DO DOCUMENTÁRIO.....	17
6 O DOCUMENTÁRIO.....	17
7 ETAPAS DE PRODUÇÃO.....	18
7.1 Pré-produção e produção.....	20
8 MONTAGEM.....	22
8.1 Decupagem dos materiais.....	22
8.2 Definindo a narrativa.....	23
8.3 Narrativa do filme.....	28
8.4 Edição de som.....	35
8.5 Backup.....	36
9 USO DE IMAGENS E SONS.....	37
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
11 REFERÊNCIAS.....	41
12 ANEXOS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Este memorial analítico-descritivo explora as ideias sobre bairro, equipamentos urbanos, infraestrutura e documentário. É importante destacar neste item a importância do bairro Henriqueta Prates para cidade de Vitória da Conquista, o processo de formação do local, os elementos paisagísticos e arquitetônicos, a função do documentário como forma de registro do cotidiano dos moradores, a fotografia como instrumento de mostrar lugares que denotam insegurança e desconforto.

Segundo Marcondes Fernandes, presidente da Associação dos Moradores e estudante de História da UNOPAR, “o Loteamento Henriqueta Prates surgiu em 1988 como ocupações de terra do bairro São Pedro, localizado na região periférica de Vitória da Conquista”. O espaço possui cerca de 2000 habitantes, considerado um dos bairros menos populosos da cidade. O nome do bairro se refere à mulher que fez parte da cidade de Vitória da Conquista: Henriqueta Prates dos Santos Silva.

Henriqueta Prates dos Santos Silva nasceu em 30 de abril de 1863, na fazenda São Pedro, em Vitória da Conquista, filha de Estevam Prates e Maria Vitória Moreira Prates. Casou-se com José Satiro dos Santos Silva e teve 7 filhos entre eles Leôncio Satiro dos Santos Silva, que fora Intendente Municipal, num período conturbado que antecederia o confronto entre meletes e peduros(...). Considerada como uma mulher sábia ganhou fama de conselheira política por receber em sua casa lideranças locais e estaduais como Pedro Lago, Otávio Mangabeira e Pedro Calmon, não sendo possível confirmar o teor de tais conversas, já que na época não era permitido que jovens e/ou crianças participassem desses momentos, “vó era desembaraçada, conversava bem, uma senhora de boas maneiras, não sabia ler, mas era sábia, era cheia de provérbios e frases feitas. (NOVAIS, 2011, p. 99-101)

O nome do bairro foi denominado Henriqueta Prates, devido ao nome da mulher que se tornou sinônimo de luta e de persistência na participação familiar e política da cidade. O assentamento periférico fica localizado nas proximidades da BA 262, trecho que liga Vitória da Conquista e Anagé; Anel do Contorno Rodoviário, estrada que facilita acesso às cidades da Bahia e de Minas Gerais.

Neste lugar se encontram ruas mal pavimentadas, asfaltamento precário, terrenos abandonados, esgoto a céu aberto, lixo espalhado por todos os lugares e vegetação seca, composta por mamonas e cactos. Há campos de futebol situados em quatro lugares diferentes: um ao lado da Avenida Principal, dois próximos ao antigo Galpão do Recicla Conquista e um perto do sítio São Pedro. Os campos não oferecem segurança nem conforto para os moradores que gostam de jogar futebol, praticar esportes e divertir com brincadeiras. Os espaços de lazer

ficam próximos aos lugares que foram destruídos pelo incêndio do Galpão do Recicla Conquista, há acúmulo de lixos e de resíduos que atraem animais peçonhentos e cobras. Não tem praças, parques de diversões, áreas para eventos artísticos nem pontos de acesso à rede WI-FI.

O bairro possui água encanada, rede de esgoto, iluminação, pequenas ruas e duas avenidas que facilitam acesso aos loteamentos próximos como Recanto das Águas, Lage Grande I e II e Parque Real, além dos Residenciais Vivendas das Árvores e Vivenda das Flores. Boa parte dos equipamentos urbanos não se encontram presentes nesta comunidade, pois não há estrutura adequada quanto à pavimentação, calçadas, praças e parques ambientais. Como fruto do processo de construção do espaço, diversos são os problemas enfrentados por grande parte da população de Vitória da Conquista.

Faz-se importante ressaltar que, apesar do traçado regular apresentado pelo tecido urbano e da aparente organização e harmonia que a planta demonstra, os moradores do loteamento Henriqueta Prates enfrentam os problemas quanto à falta de estrutura e organização do espaço. A falta de pavimentação, de sistema de drenagem e de rede de esgoto sanitário é verificada na maioria do perímetro urbano. Detecta-se a carência de abastecimento de água, de iluminação elétrica e de transporte urbano em vários pontos da cidade, além da carência no setor da habitação, educação, cultura, saúde e lazer.

Nota-se que o loteamento Henriqueta Prates não tem praças, parques ambientais, quadras poliesportivas nem espaços culturais com ênfase na música, teatro e futebol. Creches, postos de saúde e escolas estaduais ainda não foram implantadas para atender a demanda da comunidade. A ausência das instituições de ensino e dos espaços culturais dificulta a vida dos moradores. Muitas pessoas procuram atendimento médico em hospitais que ficam há metros de distância do bairro. O único posto de saúde que atende os moradores do Henriqueta Prates e dos lugares mais próximos, fica situado no loteamento Recanto das Águas.

No espaço onde vivemos se encontra registrada parte da história dos antigos moradores, o processo de formação do local, o modo de vida das pessoas, a forma como as crianças brincam e se divertem. Silvana Olivieri comenta a importância do comportamento e sentimento dos moradores que reside nas diversas localidades:

[...] são observados e analisados os novos comportamentos, sociabilidades, estados psíquicos, sensações e sentimentos dos personagens e tribos [...] como o homem, o blosé, o flaneur, o badaud, a prostituta, as comunidades étnicas e religiosas, as gangues juvenis – na vivência de seus ambientes – ruas, bairros, paisagens, estações de trem, cinema, bares ou cafés. (OLIVIERI, 2011, p.36).

Em determinados lugares, as relações entre pessoas são muito próximas: jogam bolas, fazem festas, trocam conversas, brincam nas ruas, soltam pipas nos campos, pedalam de bicicleta, tomam sorvete, acessam internet, namoram e ajudam uns aos outros. Nos espaços mais distantes do Centro da cidade, percebe-se a ausência das atividades que proporcionam bem-estar físico e mental. As pessoas não têm relações de amizade, os vizinhos pouco se conhecem e a maioria dos moradores não se cumprimenta direito.

O Henriqueta Prates apresenta características peculiares aos loteamentos situados nas proximidades, ou seja, o espaço é destinado a uma comunidade de baixa renda, poucas áreas de lazer estão presentes e casas com infraestrutura irregulares. O bairro fica distante do Centro, Candeias, Alto Maron, Patagônia, Ibirapuera, Flamengo, Guarani e Brasil, estes considerados os bairros mais populosos da cidade de Vitória da Conquista. Os moradores encontram dificuldades para se deslocarem aos shoppings centers, farmácias, livrarias, bibliotecas e Centro de Cultura, pois não há transporte disponível em cada intervalo de tempo. O bairro Planejado Parque Real, também é uma grande referência aos moradores do Henriqueta Prates. O local tem quadras poliesportivas e campos de areia. Os moradores aproveitam as oportunidades, vivem o momento de lazer e diversão neste espaço.

Os loteamentos que apresentam índices de família sem renda mensal são os que se localizam na periferia mais distante do centro da cidade, onde geralmente os lotes e aos aluguéis são mais baratos e, também, onde a taxa de serviços urbanos é menor [...], os loteamentos onde residem tais famílias, existem muitos terrenos baldios e várias casas em construção que estão abandonadas. (FERRAZ, 2001, p.130).

Diante disso, os moradores lutam há anos pela implantação dos equipamentos urbanos e espaços culturais que possam favorecer a comunidade. O lugar concentra um grande número de terrenos abandonados, várias construções que estão em fase de andamento e o antigo Galpão do Recicla Conquista totalmente destruído pelo incêndio.

Os grupos sociais excluídos têm como possibilidade de moradia os densamente ocupados cortiços localizados próximos ao centro da cidade – velhas residências que no passado foram habitadas pela elite e que se acham degradadas e subdivididas, a casa produzida pelo sistema de autoconstrução em loteamentos periféricos, os conjuntos habitacionais, produzidos pelo Estado, via de regra também distantes do Centro, e a favela. (CORRÊA e ROSENDAHL, 1998, p.29-30).

Sendo assim, o Henriqueta Prates é uma comunidade bastante esquecida pelas autoridades, ONG's, instituições e, principalmente, pela Prefeitura. Como há espaço suficiente para construção de novas unidades habitacionais, implantação das áreas de lazer, asfaltamento nas ruas, o bairro contém lugares para creches, escolas de Ensino Médio, supermercados, além de áreas culturais, com ênfase na música, arte e esportes. Cezar Migliorin, Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, comenta a importância do documentário como forma de revelar histórias e de mostrar lugares.

A busca de uma maneira de abordar o mundo, de estar em contato com outras vidas e outros espaços nunca esteve tão próxima de um problema estético, de uma reflexão sobre os modos de operar essa aproximação, esses encontros entre cenas. Cenas do realizador, cena do filmado, cada cena dialogando com múltiplas e heterogêneas forças. (MIGLIORIN, 2010, p.10).

Conforme Fernando Pessoa descreve a ideia dos lugares:

Ao mesmo tempo que me embrenho por villas e sub-ruas, torna-se-me complexa a alma dos labirintos de sensação [...] Angustia-me, não sei por que essa extensão objectiva de ruas estreitas, e largas, essa consecução de candeeiros, árvores, janelas iluminadas e escuras, portões fechados e abertos, vultos heterogeneamente nocturnos que a minha vista curta, no que de maior imprecisão lhes dá, ajuda a tornar subjetivamente monstruosas, incompreensíveis e irreais. (PESSOA apud OLIVIERI, 2011, p.26).

A função do documentário é mostrar ações cotidianas das singularidades existentes e depoimentos dos entrevistados, com ênfase nas temáticas sociais. É imprescindível a articulação entre fala e imagem simultaneamente.

O documentário se desenvolve tendo como eixo condutor o comentário – conversa entre os pesquisadores, ora *off* ora *in*. São três vozes que conversam de maneira relativamente amistosa entre si, numa informalidade, que deveria atrair a atenção do espectador, para o que estava sendo dele, sobretudo aquele não habituado a discursos técnicos ou científicos. Entretanto, não há espontaneidade: a conversa se revela forçada e artificial, como se tratasse de uma encenação, um texto ensaiado por atores inexpressivos, ou então, de uma situação um tanto constrangedora, na qual os participantes estão pouco à vontade. (OLIVIERI, 2011, p.188).

É imprescindível destacar o discurso dos entrevistados para compreender os problemas sociais e as questões geográficas do bairro Henriqueta Prates. As inquietações e os discursos feitos pelos entrevistados revelam as informações do espaço artificial em que

vivemos. Silvana Olivieri ainda discorre a importância da fala no documentário:

Entretanto, não há, no documentário, outros pontos de vista. Embora outras pessoas falem no filme, a fala dos comentaristas é preponderante, estende-se ao longo de todo filme. São eles que apresentam e explicam as imagens, orientando a reflexão do espectador para o que está sendo visto, daí o que tem por temas didáticos das explanações, faz a conversa parecer, muitas vezes, uma aula. (OLIVIERI, 2011, p.188).

Embora o documentário tenha a mesma ênfase de uma produção jornalística, a narrativa é construída a partir da intercalação dos entrevistados em relação à imagem do espaço natural ou artificial. As histórias não podem ser inventadas nem produzidas com base nos mitos. As conversas dos entrevistados servem para justificar os acontecimentos que repercutem com frequência no lugar. Como Jean Claude Bernardet aponta:

Por sua vez, as falas dos moradores são muito curtas e aparecem poucas, na forma de depoimentos e entrevistas [...] sempre inseridas nos intervalos do comentário. Servem basicamente, complementá-lo ou justificá-lo, corroborando a sua autenticidade, a sua veracidade. (BERNADET 2003 apud OLIVIERI, 2011, p.189).

Através dos seus discursos, os entrevistados espurgam seus sentimentos, medos, anseios e expectativas, enquanto o entrevistador munido de informações sobre o meio conduz o diálogo de maneira a transmitir da melhor forma para o espectador daquela obra.

É preciso penetrar no meio urbano, onde não há sistema fechado, para compreender que um meio fechado em aparência é atravessado por todas as contradições sociais e revelados de problemas de fundo. Cada um, a não ser que tenha boas razões, prefere não pensar no hospital ou na prisão, e pode se desinteressar pelas explorações rurais e pelas tribos longínquas. Há outros lugares que, pela amplitude de sua frequência afetam uma população importante. Penetrar não é enfrentar problemas mais amplos. A escola é um desses lugares. (GAUTHIER, 2011, p.231).

Cada lugar tem história que é representada nos diversos tipos de construções, traçados de ruas, modo de vida das pessoas e implantação dos equipamentos urbanos. As diferenças apresentadas no bairro Henriqueta Prates se resultam nas relações sociais, da estrutura urbana, da forma como as pessoas organizam o espaço, das condições culturais dos grupos humanos e do desenvolvimento histórico do lugar.

2 CELULAR E A DEMOCRATIZAÇÃO DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

É possível afirmar que o celular desde a sua popularização, sempre foi um dispositivo que se tornou parte do cotidiano das pessoas, ou seja, um aparelho útil como uma ferramenta que facilita o acesso às redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter, streaming de vídeos como Youtube e Vimeo, também serve para fazer pesquisas em sites e até mesmo estudar. O desenvolvimento dos celulares modernos, com acesso à internet e aplicativos para as mais diversas atividades: *player* de música e vídeo, navegador de internet, redes sociais. Aliados a esses aplicativos, os desenvolvedores de celulares buscaram colocar em seus dispositivos, câmeras modernas capazes de capturar fotos e vídeos com uma qualidade considerável, mesmo que ainda não possuam tecnologia capaz de capturar imagens a nível de câmeras profissionais.

Com o surgimento dos aplicativos como Flickr e Instagram, celulares com câmeras mais avançadas possibilitam às pessoas registrarem os seus cotidianos e compartilhar com o mundo. Mas as câmeras mais potentes dos celulares abriram novas oportunidades para os realizadores audiovisuais, o que era limitado, outrora, a produções com acesso ao alto custo das tecnologias usadas para captar as imagens e sons. Os celulares propagaram a produção audiovisual, sejam elas ficção ou documentário, curtas, médias ou até mesmo longa-metragem.

Não é de hoje que cineastas, por falta de capital ou apenas por opção, se aventuram a fazer suas produções com celulares, o que muitas vezes rendem filmes que são bastante elogiados pela crítica, como o primeiro longa nacional totalmente captado em celular, *Charlotte SP* (2016) do diretor Frank Mora, e o filme *Tangerine* (2015) do diretor Sean Baker, que chamou a atenção da mídia ao ser selecionado para o Sundance Film Festival daquele ano, além de inúmeros outros dos mais diferentes formatos, o que demonstra que a tecnologia não é o mais importante e sim a criatividade.

A exploração dos recursos do aparelho celular é algo, sem dúvida, facilitado por sua interface, muito semelhante à do universo dos sistemas operacionais de computadores. Todo um histórico de experiência do usuário com a GUI (Interface Gráfica do Usuário) foi automaticamente transferido para o celular, seja em suas telas, menus e ícones ou no modo de navegação e orientação pelo conteúdo. A possibilidade de produção audiovisual encontra-se resumida a poucos procedimentos na interface do aparelho. (CUNHA, 2010, p.39)

No nosso caso como não dispunhamos de uma câmera profissional e gravadores de

audio externos, e por não possuir recursos para alugar, optamos por utilizar celulares para fazer as captações tanto do áudio quanto das imagens. Todo o filme foi captado usando um celular Nokia Lumia 520 e um Samsung Galaxy Gran Prime, ambos aparelhos considerados pelo mercado como intermediários. Mas que apesar de configurações mais modestas permitem fazer alguns trabalhos, mesmo que não com uma maior qualidade, como foi o nosso filme que ficou com vários problemas nas imagens e no áudio. “Quando nos referimos à produção audiovisual em celulares é raro encontrar um exemplo plenamente clássico em termos de enquadramentos, ângulos ou foco: o ruído e o descontrole parecem ser a regra.” (CUNHA, 2010, p.41).

Dessa maneira, a imagem feita com celular pode não ter a mesma qualidade técnica que uma câmera profissional ou DSLR, mas ela permite a mais pessoas praticarem o fazer audiovisual à medida que ela reduz os custos do projeto. Além disso, o uso de uma câmera portátil assim como os celulares permite ao realizador audiovisual fazer seu trabalho sem causar maiores interferências no ambiente e pessoas que ali se encontram, uma vez que o dispositivo por seu tamanho não desperta tanta atenção, deixando-o mais livre para explorar o meio.

3 GÊNESE DO PROJETO PARA DOCUMENTÁRIO

A ideia do projeto para realização do documentário *Lugar incomum*: Um Documentário sobre o bairro Henriqueta Prates de Vitória da Conquista, surgiu quando eu Marcos Silva Rodrigues cursei a disciplina de Pesquisa em Cinema e Audiovisual, ministrada pela prof^a Macelle Khouri, no IV semestre letivo. Neste semestre, tive duas ideias propostas para desenvolvimento da pesquisa: Documentário sobre o bairro Henriqueta Prates e Animação sobre a História do Futebol. Como surgiram dúvidas acerca da escrita do trabalho, resolvi pesquisar melhor sobre os dois temas antes de elaborar as ideias do tal projeto. Dentre as duas ideias enumeradas acima, optei por documentário, pois exige comunicação entre pessoas e disponibilidade para realização de entrevistas.

Como o projeto de pesquisa para documentário deu certo, continuei o trabalho com sucesso. Fiz um pequeno projeto com apresentação, justificativa, objetivos, referencial teórico, metodologia, considerações finais e cronograma. Em cada item apresentado, escrevi informações sobre o bairro, tracei objetivos a serem alcançados, apresentando justificativas

sobre o porquê da escolha do documentário, citei referências de Guy Ghautier, Cezar Migliorin, Milton Santos e dentre outros estudiosos e pesquisadores para o desenvolvimento do projeto. Após a escrita do mesmo, iniciei o trabalho de pré-produção: vistoria do local, fotografias dos lugares, planos-sequências de 30 segundos e 2 minutos, para treinamento e testes antes do início das produções do documentário. Feita as ações, continuei com a ideia de produzir o documentário sobre o Bairro Henriqueta Prates.

4 SOCIALIZAÇÃO

Como afirma o sociólogo norte-americano Erich Goode (1984, p.130), “socialização é o processo pela qual nós adquirimos os valores, as crenças, as normas e as habilidades físicas, mentais e sociais para viver em uma sociedade.” A partir dessa afirmação, apontam-se como agentes de transformação a igreja, a família, a comunidade, o local de trabalho, a Associação de Moradores, a escola, a creche, e tantas outras instituições. Também o grupo de amigos que compõe o grupo de socialização. As crianças procuram moldar comportamentos por meio de emoções, gestos, anseios e brincadeiras.

Relacionamento em grupo, lazer, entretenimento, são ações desejadas pelas crianças, mas muitas delas não conseguem em detrimento das condições socioeconômicas e estruturais do bairro. É imprescindível que tenha socialização nos diversos grupos que compõe os bairros mais periféricos, pela inclusão é possível colocar as crianças e adolescentes em contato com livros, esportes, música, etc. Mas principalmente propiciar que os mesmos tenham uma relação mais ampla em grupo, o que possibilita maiores trocas de conhecimento, criando novos agentes de transformação social.

Com a globalização proporcionada pelas novas tecnologias e conquistas do conhecimento nas diversas áreas, podemos conhecer e valorizar as diversas características culturais, ambientais e sociais de um povo. A cultura do local é fruto de sua formação, suas experiências, suas produções artístico-culturais, crescimento econômico, etc. As diferenças sociais da comunidade geram conflitos e discriminações entre as pessoas.

Devemos estimular uma maior interação entre as diversas classes socioeconômicas a fim de proporcionar diálogos que contribuam para uma melhor qualidade de vida a todos. Vários moradores do bairro Henriqueta Prates, anseiam por coisas que parte da comunidade Conquistense já desfrutam e que já proporcionam uma melhor qualidade de vida, como

asfalto e saneamento básico, além da estrutura física os mesmos desejam produções artísticas, como teatro, dança, música, cursos de artesanato. Instrumentos que servirão como fatores determinantes para transformação da realidade social dos moradores daquela comunidade.

Diante disso, os moradores enfrentam dificuldades para se deslocarem para o centro da cidade, pois os ônibus coletivos demoram bastante na avenida principal do bairro Henriqueta Prates, além das dificuldades apresentadas quanto ao deslocamento e ônibus, outras dificuldades podem ser relatadas no memorial analítico-descritivo. Tanto como as crianças brincarem em lugares perigosos, como terrenos abandonados, campos de futebol e ruas movimentadas, pois não há quadras poliesportivas, parques de diversões e áreas de lazer.

Tudo isso compromete as boas ações dos jovens, adolescentes, idosos e toda a comunidade quanto à prática de atividades físicas. Como forma de superar esses problemas, as pessoas organizam atividades a fim de proporcionar o bem-estar físico e social. Em contato com demais povos, novas histórias, hábitos e visões de mundo são partilhadas aos moradores. Essa interação permite as pessoas adquirirem novos conhecimentos e buscarem novas metas para serem conquistadas para a comunidade.

Discutir a história do Bairro, o modo de vida das pessoas, as características mais importantes, quanto à localização geográfica, mobilidade urbana e os elementos culturais, são temáticas imprescindíveis que o documentarista aborda com frequência em seus filmes. Diante disso é necessário estabelecer relação entre o lugar em que vivemos e lugares que denotam situações de risco, pois os espaços fazem parte de um mundo como um todo.

Os bairros mais próximos ao centro da cidade e os que possuem uma população predominantemente mais bem estruturada financeiramente oferecem mais segurança, áreas de lazer, entretenimento e mais organização, enquanto os mais distantes, de características mais periféricas, não atendem as necessidades básicas dos moradores. Não há saneamento básico, as ruas não asfaltadas e esburacadas, demora a passar ônibus, terrenos abandonados, animais peçonhentos, lixo e entulhos espalhados pelo bairro.

Apesar de ser um bairro da cidade de Vitória da Conquista, o Henriqueta Prates pode ser usado como representação de muitas comunidades de cidades pequenas a grandes metrópoles do Brasil, onde a administração do estado parece não se importar com aqueles que ali habitam, fazendo-os vítimas do estado. Sendo assim, essas localidades não apresentam uma estrutura física e sociocultural adequada para inseri-los socialmente na comunidade, deixando-os à margem.

5 PROPOSTA DO DOCUMENTÁRIO

A proposta foi produzir um documentário sobre o bairro Henriqueta Prates, com ênfase no modo de vida das pessoas, a localização geográfica e problemas sociais que o bairro apresenta para a cidade de Vitória da Conquista. A produção não é baseada em fatos fictícios ou lendários, o filme mostra depoimentos dos moradores, onde cada um deles opinão acerca das temáticas tratadas, tais como saneamento básico, falta de segurança nas casas, os motivos que causaram a destruição do Galpão do Recicla Conquista e coleta de lixo.

O documentário busca mostrar a importância do local, pois os equipamentos urbanos como áreas de lazer, quadras poliesportivas, pavimentação asfáltica, campos de futebol com gramado sintético, deveriam estar presentes no lugar. Escolas do Ensino Médio e creches poderiam ser implantadas para atender as demandas da população. Enfatiza também a existência do local há 28 anos.

Sobre as temáticas apresentadas até agora, busca-se a compreensão do espaço que fica localizado nas proximidades da BA 262 - trecho que liga Vitória da Conquista e Anagé e Anel do Contorno Rodoviário, estrada que facilita acesso às principais rodovias do Brasil. O documentário constitui um instrumento de pesquisa para levantamento de informações, exposição de ideias e questionamentos sobre o bairro Henriqueta Prates.

A ideia foi realizar um documentário sobre o bairro, com intuito de explorar as imagens, através de fotografias das casas, ruas, avenidas e dos lugares que denotam situações de risco. Também coletar depoimentos dos moradores, com ênfase no saneamento básico, equipamentos urbanos e processo de formação do lugar, para assim possibilitar uma reflexão sobre o conteúdo apresentado.

6 O DOCUMENTÁRIO

Lugar incomum: Um filme documentário sobre o Bairro Henriqueta Prates de Vitória da Conquista é um filme que busca mostrar o cotidiano dos moradores do local, a importância do bairro para a cidade, a localização geográfica e os problemas sociais existentes no espaço. O memorial enfatizará as informações e referências sobre o bairro que existe há 28 anos na cidade de Vitória da Conquista. O loteamento periférico fica situado na zona Oeste. Faz limite com outros loteamentos: Recanto das Águas, Lage Grande I e II,

Senhorinha Cairo, Miro Cairo I e II e Bairro Planejado Parque Real.

O local apresenta ruas mal pavimentadas, terrenos abandonados, esgoto a céu aberto, asfaltamento precário, casas em situações de risco e lixo espalhado por todos os lugares. Diante disso, o documentário mostrará os espaços que não oferecem aos moradores segurança e conforto. Imagens do antigo Galpão do Recicla Conquista, campos de futebol próximo aos lugares onde as pessoas jogam lixo e entulho também serão mostrados.

Para refletir sobre os problemas do bairro, o presente documentário tem duração de 20 minutos, em que os entrevistados revelam histórias e opiniões sobre o Henriqueta Prates. A condução do documentário é feita através do olhar do entrevistador, Marcos Rodrigues, onde acompanhado por um garoto, Flávio, se deslocam pelo bairro dialogando sobre os problemas que encontram. A narrativa ainda é conduzida pelas ações de um grupo de crianças que brinca em diversos lugares e que também discute alguns problemas da comunidade.

As histórias que conduzem o documentário, ainda são acrescidas com depoimentos de três moradores: Marcondes, presidente da Associação dos Moradores do Bairro Henriqueta Prates; Samira, moradora do bairro há oito meses e natural de Itambé; Carlos, morador do bairro há 20 anos e que trabalha na coleta de materiais recicláveis. Eles comentam sobre diversos temas como saneamento básico, asfaltamento precário, falta de equipamentos urbanos, lazer das crianças e processo de formação do bairro. Temas atuais que fazem parte da trajetória de um local esquecido pelas autoridades e pela prefeitura.

7 ETAPAS DE PRODUÇÃO

É importante destacar as etapas de produção do filme documentário, pois o trabalho exigiu inicialmente por parte de Marcos tempo, disponibilidade e bastante dedicação para o cumprimento das atividades. Os trabalhos foram iniciados no dia 7 de abril de 2016. Neste dia, foi feito por Marcos a vistoria do local e fotografias de lugares para facilitar o andamento das demais funções. Antes de cumprir as etapas de produção, ele havia montado uma equipe para auxiliar nas filmagens, operar câmera e controle do som, editar e montar os materiais. As pessoas indicadas não tiveram tempo para colaborar nas produções. Porém, mesmo diante dessa situação, não houve desânimo. Ele resolveu realizar as atividades de produção individualmente. Mas não foi fácil executar as funções sozinho no Bairro Henriqueta Prates.

Conforme Chris Rodrigues enumera:

O trabalho do diretor, entretanto, começa muito antes de sua visita ao set. Preparação é a chave para executar um bom filme e uma das fases mais importantes. O roteiro técnico resultado da sua decupagem de direção (visualização do filme através dos planos) a planta baixa, que é uma visão octogonal do set de filmagem com os planos e movimento [...], e o storyboard são de suma importância. (RODRIGUES, p. 70, 2007).

Neste caso, as etapas de produção foram longas, pois houve dificuldades em trabalhar com celulares na mão para realizar entrevistas, filmagens de planos médios e longos no local. Como resultado de todo processo de produção, conseguiu superar as dificuldades e estabelecer metas quanto ao cumprimento das atividades. Não utilizou câmeras profissionais nem captadores de som. Não tinha como pegá-los com os colegas e profissionais da área de cinema. Algumas pessoas estavam envolvidas nos trabalhos de Conclusão do Curso de Cinema e Audiovisual. Também não foi possível usar os equipamentos do curso, pois os mesmos são utilizados mediante acompanhamento dos professores.

Quanto à falta de equipamentos e de uma equipe para auxílio nas produções, as complicações eram imensas. Para colocar em prática tudo o que aprendeu nas disciplinas de Documentário e Estágio Supervisionado, teve que buscar informações sobre o bairro com base em livros, depoimento dos moradores, visitas nas casas, pesquisas em sites e jornais. Dentre outras funções, foi necessário fotografar casas, pesquisar fontes em livros de Documentário, Geografia e Produção. Por conta do imenso trabalho executado com ênfase nas etapas de produção, conseguiu driblar as dificuldades e cumprir as etapas com sucesso. Para o cumprimento das tarefas, a prática e o empenho foram úteis ao andamento das produções.

O trabalho de todos os envolvidos com a produção de um filme tem uma função principal - dar suporte ao diretor para contar a história-; todas as outras considerações estão subordinadas a esse fim. O diretor de produção precisa ter certeza de que todas as pessoas no set de filmagem, todo equipamento, cada objeto, cada figurino estarão no lugar e momento certo para serem usados pelo diretor, quando ele necessitar em cada fase de produção - dentro da realidade do orçamento. (RODRIGUES, 2007, p.67).

Desta forma, o trabalho de produção do documentário foi dividido em três etapas: pré-produção, produção e pós-produção. Em cada etapa, vários equipamentos foram utilizados para fotografias, filmagens e importação dos materiais: câmera Canon T3, celular Samsung

Galaxy Gran Prime, Nokia Lumia 435, Pen Drive Sandisk, Cabo USB e Macintosh (MAC). Ao pensar na técnica de realização do documentário, se fez necessário pensar em uma forma eficaz para ajudar o processo de produção. Como não havia uma equipe formada nem equipamentos como câmeras profissionais, captadores de som, tripé, a opção por celulares com alta resolução de imagem foi necessária.

7.1 PRÉ - PRODUÇÃO E PRODUÇÃO

A preparação é o primeiro passo para realização do documentário, pois consiste na elaboração de cronogramas, pesquisa bibliográfica, conhecimento da localidade e planejamento de metas. Nesta etapa, o levantamento de equipamentos, formação de equipe e lista de perguntas foram fundamentais para atender as demandas propostas. Conforme Chris Rodrigues define:

A preparação é a parte mais importante do filme. Nesta fase, fazemos um levantamento minucioso de tudo que será necessário para que o filme seja feito de acordo com a visão e as necessidades do diretor. O custo deverá ser o mínimo possível, evitando-se qualquer definição de compromisso como aluguel de equipamentos, contrato com os atores etc. Sua finalidade será o orçamento definitivo do filme. Portanto, podemos chegar ao final da preparação com um custo superior ou inferior ao orçamento preventivo feito durante o projeto do filme. (RODRIGUES, 2007, p.106).

Como se trata de um documentário de baixo orçamento financeiro e com poucos recursos, as etapas de produção foram enumeradas com base no trabalho em equipe, cronogramas de filmagens, lista de equipamentos. Sendo assim, foi montada uma equipe de quatro pessoas para realização do documentário sobre o Henriqueta Prates. Composta por Tiago Lazzari, que já fazia parte do grupo, e na sequência foram convidados, Isaura Matos, Jossiel Novais e Cosmelúcio Costa, todos estudantes do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Diante da correria dos trabalhos acadêmicos e da falta de tempo dos integrantes para ajudar nas gravações e coleta de imagens, eles não puderam trabalhar junto ao projeto. Ficando apenas Tiago Lazzari provisoriamente, pois não tinha outros componentes para ajudar em todo processo de produção.

Durante o período entre 3 de maio e 10 de junho de 2016, foram organizadas as tarefas e estabelecidas metas para início das produções. Foi agendado um dia e o local para

um encontro: 17 de Julho, ponto da Viação Vitória. Neste dia, foi início da etapa de pré-produção e organização de cronograma para iniciar a produção o mais rápido possível. Foi feita uma lista dos equipamentos, os tipos de imagens a serem feitas e marcação de entrevistas com moradores do bairro Henriqueta Prates, para possibilitar que o cronograma fosse cumprido sem imprevistos.

Rodrigues descreve a forma como o diretor decide a realização do filme.

O diretor decide como ele visualiza o filme em termos de planos, atmosfera ambiental, movimento dos atores, movimento da câmera, etc. Essas informações, e tudo de que ele precisar para executar o filme são passadas para seu assistente (1º assistente de direção), que informará aos chefes de cada departamento as necessidades do diretor. (RODRIGUES, 2007, p.108).

Para isto, foram definidos a fotografia e os tipos de perguntas que seriam feitas aos entrevistados. A ideia não foi, portanto, focar nos depoimentos dos entrevistados com ênfase nas temáticas como lazer, saneamento básico e lixo. A proposta foi, justamente, realizar o documentário como foco nas imagens do bairro intercaladas com as entrevistas. Diante disso, decidimos fotografar casas, campos de futebol, terrenos abandonados, casas, esgoto a céu aberto, movimento dos moradores e ruas.

No bairro Tiago Lazzari captou algumas imagens com a câmera dele, principalmente paisagens urbanas, porém as mesmas não foram aproveitadas na montagem por falta de compatibilidade técnica e estética com as demais feitas por celular. Como as imagens feitas com celulares tinham mais conteúdo, pois foram captadas imagens todos os dias com eles desde entrevistas a paisagens urbanas, a opção foi usar apenas imagens feitas por celular para a montagem do filme.

Após um tempo, Tiago Lazzari não pode continuar ajudando na realização do filme, mas como faltavam poucas imagens para serem feitas, a produção não sofreu problemas. Para a montagem do filme, Jossiel Novais foi convidado a ajudar, logo após o aceite, fomos para o laboratório do Curso de Cinema e Audiovisual da UESB para dar início aos trabalhos, sendo que o mesmo, tempos depois, passou a fazer parte da equipe em definitivo.

8 MONTAGEM

A etapa de montagem é o processo em que o montador dá vida ou forma ao que foi captado pela equipe de produção seja ele ficção ou documentário. Com o filme *Lugar Incomum* não foi diferente, porém tivemos algumas peculiaridades durante todo o processo. Desde o início quando Marcos (diretor do filme) estava planejando fazer o filme sobre o bairro Henriqueta Prates ainda em estágio inicial onde ele estava apenas com a idéia em mente, fui convidado pelo mesmo a ajudá-lo a produzir.

A princípio o mesmo havia me convidado para ajudar a captar as imagens, porém com o passar do tempo e depois de algumas discussões e com o início dos trabalhos de conclusão de curso, onde eu inicialmente estava fazendo outro projeto não pude ajudá-lo com as captações das imagens, sendo assim me disponibilizei a ajudá-lo com a montagem do documentário.

8.1 DECUPAGEM DOS MATERIAS

Após a captação de todo o material nos reunimos no Laboratório de Animação e Montagem do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Campus Vitória da Conquista para assistir e fazer uma decupagem de todo o material. Esse processo durou por volta de dois dias onde, nós pudemos fazer uma análise geral de todo o material e como o mesmo é composto de variadas abordagens filmicas (entrevistas, paisagens urbanas, crianças...) fizemos uma catalogação que se deu da seguinte forma:

1 Entrevistas – As entrevistas foram separadas em uma pasta e como forma de facilitar ainda mais o processo de montagem fizemos uma separação por contexto (perguntas feitas aos entrevistados com suas respectivas respostas), elas foram recortadas e numeradas nessa mesma pasta e para ter um maior controle foi feito uma ficha categorizando cada arquivo, o que possibilitou uma maior rapidez posteriormente durante a montagem.

2 Imagens das crianças – Assistindo ao vídeo que já se atentando ao que definiríamos para a narrativa do filme, optamos por fazer a separação de todas as imagens em que as crianças executavam alguma ação com peso narrativo, por exemplo jogando futebol, brincando em um terreno baldio, soltando pipa, brincando com algum objeto que foi recolhido por eles em algum lugar ou até mesmo executando alguma coisa considerada de alto risco para a saúde dos mesmos, como é o caso da brincadeira com as garrafas de vidro, etc.

3 Imagens de deslocamento pelo bairro – Já pensando em uma montagem futura fizemos a seleção de todas as imagens que Marcos e as crianças se deslocavam pelo bairro mostrando a situação do mesmo para os espectadores. Além disso, optamos por separar nessa categoria as imagens que tinham algum discurso e as que apenas mostravam o bairro para facilitar o processo futuro da montagem.

4 Inserts - Nessa categoria colocamos todas as imagens que não correspondiam às citadas anteriormente, na qual foram basicamente imagens da paisagem urbana do bairro, como terrenos baldios, lixões, ruas esburacadas, casas, etc.

Apesar desse processo de definição e consequente separação dos materiais não ter sido mais bem elaborado, pude perceber durante a montagem que ele poderia ter sido mais minucioso ao encontrar dificuldades para buscar alguns arquivos que eu necessitava naquele momento, pois a nossa categorização em determinado ponto se mostrou um pouco ineficiente, porém apesar dessa deficiência na categorização ela se mostrou muito necessária e útil, pois se com ela tivemos algumas dificuldades para achar alguns arquivos específicos, sem ela provavelmente o serviço teria sido oneroso e de pouquíssima eficiência.

Esse processo de categorização nos permitiu deixar o processo mais fluido e mais rápido na busca por algum arquivo, além de ter ajudado na construção da narrativa, visto que o fato de ter separado todo o material me fez saber exatamente os diferentes tipos de materiais narrativos que eu tinha em mãos e o que cada um possibilitava naquele momento. Por isso o processo de decupagem dos materiais é tão indispensável, mesmo que minimamente ela será muito útil.

8.2 DEFININDO A NARRATIVA

Após o longo e cansativo trabalho de decupagem dos arquivos filmados, tivemos que definir qual narrativa que o filme teria, e para isso todo o material foi apresentado aos professores orientadores do nosso TCC, Rogério Luiz e Filipe Gama, para que eles pudessem dar um melhor direcionamento. Após algumas discussões entre Marcos, eu e os nossos orientadores decidimos montar o filme a partir de uma concepção a que chegamos. Sendo assim dei início ao processo de montagem, como Marcos sempre estava ali do lado acompanhando sempre discutíamos alguma coisa que achávamos interessante, porém após algum tempo de material montado nós assistimos e não gostamos da narrativa que estávamos

construindo.

O processo de construção de um documentário, assim como na ficção, normalmente perpassa a elaboração de um roteiro, mesmo que simples, antes das filmagens, porém não foi o caso de *Lugar Incomum*. A construção desse filme partiu apenas da idéia e argumento que Marcos S. Rodrigues havia elaborado, o que inicialmente se mostrou ruim, pois eu não dispunha de um roteiro para dar um direcionamento à montagem, mas por outro lado, diante da riqueza do material que Marcos, munido de sua sensibilidade artística de documentarista capturou, me propiciou uma grande liberdade de construção narrativa ao filme. Para Eisenstein (2002, p.35) “A cinematografia é antes de tudo montagem.”.

Após a dificuldade inicial com o material, e vendo que a construção narrativa que estávamos elaborando para o filme não estava ficando legal e talvez não atingisse o objetivo proposto por Marcos, abandonamos aquela montagem para recomeçar outra do zero. Sendo assim voltamos a assistir o material que havíamos montado para identificar os pontos positivos e negativos para termos uma noção mais precisa do por que ela não estava sendo satisfatória, e também reassistimos os materiais não montados. Após algumas conversas que tive com Marcos, nossos orientadores e também com Renato Fernandes, um profissional de audiovisual da UESB que trabalha no projeto Janela Indiscreta, conseguimos identificar algumas falhas.

Muitas vezes quando vamos produzir um filme seja ele documentário ou ficção de não paramos para refletir as particularidades de cada parte do material que captamos, temos uma idéia pré-concebida ou totalmente elaborada em nossa cabeça que não deixamos os planos falarem por si só, queremos montar exatamente da maneira que havíamos planejado. Mas cinema não é uma linha de montagem de uma indústria automobilística ou algo similar, é preciso fazer uma reflexão para ver o que cada parte tem de essencial e como ele pode dialogar com o todo do filme. Temos que parar de achar que o filme chega à mão do montador pronto.

A questão é que os criadores de numerosos filmes, nos últimos anos, "descartaram" a montagem a tal ponto que esqueceram até de seu objetivo e função fundamentais: o papel que toda obra de arte se impõe, a necessidade da exposição coerente e orgânica do tema, do material, da trama, da ação, do movimento interno da sequência cinematográfica e de sua dramática como um todo. Sem falar no aspecto emocional da história, ou mesmo de sua lógica e continuidade, o simples ato de narrar uma história coesa foi freqüentemente omitido nas obras de alguns proeminentes mestres do cinema, que realizam vários gêneros de filme. O que precisamos claro é não tanto da crítica individual desses mestres, mas basicamente de um esforço organizado para recuperar o exercício da montagem, que tantos abandonaram. Isto é ainda mais necessário a partir do momento em que nossos

filmes enfrentam a missão de apresentar não apenas uma narrativa logicamente coesa, mas uma narrativa que contenha o máximo de emoção e de vigor estimulante. (EISENSTEIN, 2002, p.13).

Após fazer essa reflexão nós podemos compreender melhor a grandiosidade do material que tínhamos em mãos, percebemos que a montagem anterior não fazia sentido justamente pelo fato de não deixarmos os planos falarem por si só, estávamos fazendo uma construção baseada apenas no que o argumento queria transmitir, onde tínhamos um ponto de partida e um local para chegada, não estávamos deixando o filme ter uma vida própria.

Nossa primeira montagem era basicamente os entrevistados falando para a câmera e em determinadas partes mostrávamos algumas imagens das crianças e do bairro quase como se fossem apenas para ilustrar as falas, e assim o filme não dialogava para com quem mais queríamos: os espectadores. Na montagem é preciso pensar na melhor maneira de se apresentar aquela obra aos espectadores, quais planos se associam melhor entre si, e em quais momentos, para que sua história cause empatia nos que a assistirem, afinal montagem não são apenas junções de planos e áudios, essa junção precisa criar um diálogo que cause empatia no espectador ou antipatia se assim for à pretensão.

No interior de um sistema estético convencionado (quer se trate de contar uma história, de escrever um processo, de dar a contemplar), existe um artesanato da montagem que está ligado à faculdade de cortar na altura própria, de manipular os raccords, de encontrar o gesto, o olhar, o enquadramento que permitem a montagem mais adequada. (AMIEL, 2010, p.10).

Após identificar os problemas narrativos da primeira montagem, podemos enfim elaborar uma narrativa que consegue transpor de uma forma mais adequada para o espectador os problemas que são abordados no filme, à medida que aquele sai da mera posição de espectador onde o mesmo era apenas o receptor das informações para tornar-se personagem da obra, na condição de espectador observador. Tal objetivo só foi possível devido à maneira com que Marcos Rodrigues fez a construção plástica da fotografia na captação das imagens. O mesmo se apropriou do uso recorrente de câmeras subjetivas durante todo o processo de captação das imagens do filme.

As imagens subjetivas que foram captadas para o filme têm um papel fundamental para a condução de toda a narrativa. As mesmas são de uma riqueza de conteúdo que sem elas o filme não teria a mesma significância, pois são essas imagens que guiam o espectador ao longo de todo o enredo. Durante todas as imagens subjetivas, Marcos acompanhado de um

garoto (Flávio), transita pelo bairro, mas os dois não aparecem, o que é visto são apenas a realidade das paisagens urbanas dos locais por onde os mesmos caminham, porém durante esses percursos na maioria das vezes podemos ouvir os mesmos dialogarem sobre a realidade do bairro desde problemas estruturais aos sociais. O fato dos mesmos não aparecerem, torna-se subjetivo o olhar do espectador, o que possibilita trazê-lo para mais próximo daquela realidade, passa a sensação de que o mesmo faz o percurso junto aos dois por entre o bairro, o que dificilmente seria possível atingir usando-se de outra abordagem cinematográfica.

Para aprofundar melhor a discussão acerca dos problemas do local e não ficar somente na condução das crianças e do próprio idealizador do filme, acrescentamos três entrevistas que foram realizadas por Marcos com três moradores do bairro: O presidente da Associação de Moradores, uma jovem garota e um trabalhador informal. Os áudios foram inseridos em várias situações do filme sob a perspectiva de relatar a importância da localidade para a comunidade conquistense e apontar as principais contribuições sociais que refletem a existência do bairro, na qual os entrevistados não aparecem porque quebraria o ritmo do filme e fugir do padrão de documentário entre entrevistado e entrevistador. Chegamos a cogitar a real necessidade de utilizar as entrevistas, pois as imagens já possuem um grande poder de diálogo, porém as utilizamos para transpor algo que estas por si só talvez não deixem tão claro.

Nota-se a falta de estrutura que possibilite a melhor qualidade de vida para os moradores do Bairro Henriqueta Prates, e isso fica evidente durante todo o filme, porém para reforçar o sentido desse abandono, optamos por usar as crianças como fio condutor, onde a partir de suas ações, para se divertirem, são obrigadas a praticarem suas brincadeiras em qualquer lugar, ficando suscetíveis aos mais variados problemas, como podemos ver a cena na qual elas brincam com garrafas de vidro, onde tive a opção por deixá-la sem cortes e com o som na íntegra, para causar incômodo ao espectador do documentário.



Imagem 1 - Garotos brincando com garrafas de vidro

Poderíamos chamá-los de simples crianças ingênuas. Elas nos mostram que podem até ser ingênuas, mas tem um senso crítico que podemos constatar na cena em que eles brincam de fazer um encanamento, por que segundo eles a Embasa - Empresa Baiana de Água e Saneamento não faz o trabalho que deveria no bairro. Elas também criticam a postura das pessoas que jogam lixo em qualquer canto, etc, mas em seguida podemos vê-las jogando os galhos de árvore no mesmo lugar, e aí percebemos que são apenas crianças, o que nos faz questionar se o bairro tivesse estrutura adequada, se elas jogariam aqueles galhos ali, penso eu que não, o que elas estariam fazendo, etc. E é justamente questionamentos como esses que queremos causar nas pessoas que assistirem ao filme.

Lugar incomum. A opção por escolher esse título se deu ao fato de que precisávamos de um nome que pudesse exemplificar a conjuntura social, cujo espaço apresenta pessoas comuns como qualquer outro lugar, mas há suas particularidades. O título surgiu de um questionamento, onde levantamos discussões acerca da retórica “Que lugar é esse?” Dessa maneira, surgiu a ideia de colocar Lugar Incomum? Na forma de pergunta. No mesmo dia, estávamos montando o filme no laboratório e o professor Filipe Brito fez uma visita na sala de montagem e começamos a dialogar sobre essa questão. Ele questionou se o título em forma de pergunta seria a melhor escolha, ou melhor, deixar o espectador tirar essa conclusão, visto que o título como pergunta poderia induzi-lo. A partir daquela conversa, retiramos a interrogação e deixamos apenas *Lugar Incomum*. Afinal de contas, existem várias singularidades do mundo com características similares, entretanto, se o filme está pretendendo abrir uma discussão, o título não poderia fazer esse questionamento diretamente, é preciso aproximar o espectador da história e deixá-lo fazer os seus questionamentos.

8.3 NARRATIVA DO FILME

O filme inicia-se com um plano-sequência utilizando-se do recurso da câmera subjetiva, que dura cerca de um minuto e vinte segundos, pois como o objetivo foi colocar o espectador imerso no bairro como se acompanhasse os dois, optamos por iniciar o filme com essa cena, que em especial o primeiro discurso é onde Marcos diz: “É verdade Flavio, a gente passeia por este local e percebe muita desorganização e a gente se depara com essa realidade, não é verdade...”. Essa fala serve para ilustrar basicamente tudo o que o espectador verá durante a sequência do filme. Na continuidade do plano, eles continuam a conversar sobre o bairro, uma conversa bastante leve e informal que vai preparando o espectador para o que está por vir.



Imagem 2 – Tomada inicial

Ao final do plano inicial, para permanecer a sensação de continuidade, optei por utilizar uma elipse, que vem acompanhada de mais dois elementos, o primeiro é um *fade in* para uma tela preta, onde entra o título do filme, e paralelo a isso entra um áudio de Marcos, onde o mesmo fala uma frase bem interessante, que também serve para reforçar a expectativa do espectador acerca do resto do filme: “Rapaz são tantas histórias para contar né, a gente se perde no tempo e no espaço!”. A combinação dessas três técnicas possibilitou fazer uma transição para outro plano sem causar um desconforto para o espectador, onde o som da fala dá continuidade à cena que se desenrolava, e a elipse junto ao fundo preto com o título fica suavizada ou disfarçada, possibilitando a transição para o plano onde eles encontram outros garotos: Vinicius (Bodinho), Gustavo, Reginho, Victor e Iuri que também vão nos guiar

durante a trama.

Na sequência do filme optei por utilizar uma cena onde todos eles se deslocam por uma rua bastante longa e monótona. Vemos as sombras de seus corpos onde um pouco à frente dois garotos caminham lentamente montados em suas bicicletas. Nesta optei por usar como áudio principal algumas entrevistas, onde a princípio podemos ouvir Marcos Rodrigues entrevistar uma mulher e, na sequência, um homem de que não vemos a face e também não é informado o nome, pois optei por colocar apenas nos créditos finais, visto que não queria criar elementos que tirasse a atenção do espectador e não quebrar a unidade narrativa do filme. Uma vez que se optasse por mostrar os entrevistados, isso quebraria toda a continuidade e fluidez da montagem.

Para fazer a transição da cena anterior em que eles estão caminhando de uma rua para outra, mas que possibilitasse manter uma sensação de continuidade optei por usar uma cena de dois garotos jogando futebol em uma área de terra. Essa imagem também permitiu antecipar duas características do lugar que serão apresentadas logo na sequência do filme: garotos que buscam brincar de alguma maneira e a ausência de uma estrutura adequada para a prática de tais atividades. A cena também antecipa o contexto da questão seguinte que o entrevistador faz aos moradores entrevistados, na qual ele os questiona sobre os equipamentos urbanos da comunidade Henriqueta Prates. Apesar de ser uma cena curta e bastante simples, ela funciona bem para fazer a transição e junto com o diálogo deixa essa parte do filme fluida.

À medida que o filme decorre, ainda nos primeiros minutos os problemas sociais e estruturais do bairro vão nos sendo apresentados. Para isso, utilizei uma entrevista sobreposta com três cenas, onde para dar sequência ao sentido de caminhada por entre o bairro, preferi utilizar como composição a cena em que Marcos e os garotos estão caminhando por uma rua bastante esburacada e com uma enxurrada de lama escorrendo, onde se vê uma criança pequena brincando nela. Nessa cena eu ia utilizar o áudio original, onde os meninos estavam conversando e de repente começaram a cantarolar uma música, porém por conta de direitos autorais e para evitar problemas futuros à medida que além do cantarolar havia uma música tocando de fundo, achei melhor tirar o áudio e sobrepor com uma entrevista que já havia desde a cena anterior. A utilização do áudio também serviu para auxiliar na transição de corte para o plano quanto à sua finalização para outro. Essa técnica é bastante utilizada na ficção para fazer transições de cenas distintas, onde o áudio traspassa de uma cena para outra. Isso deixa a percepção do corte mais suave, à medida que se desvia a atenção do espectador para outro elemento.

Como o objetivo do filme é de mostrar o cotidiano do bairro especialmente através de ações das crianças e como o futebol talvez por sua facilidade de adaptação para prática nos locais mais adversos, talvez por isso tenha se tornado o esporte mais praticado no país. Ao pegar todas as imagens para analisar, percebi que o tema futebol sempre estava presente no meio, seja através de imagens de garotos praticando ou apenas terrenos vazios com traves que remetem a um campo de futebol. Sendo assim paralelas as ações dos personagens principais em deslocamento pelo bairro, optamos por utilizar essas imagens de maneira a retratar esse que é o esporte da paixão nacional e que naquela comunidade não é diferente apesar de todas as dificuldades. Uma cena que representa bastante a relação das crianças com o esporte é uma em que vemos quatro crianças brincando de jogar futebol em um campo improvisado de terra solta onde faz bastante poeira, na qual eles improvisaram as traves usando algumas pedras, e que apesar da falta de estrutura adequada, estão felizes.

Para manter a fluidez e sensação, Marcos e os garotos sempre estão caminhando por entre o bairro. Utilizei para as transições algumas imagens que não tem os garotos, mas com uma grande significância para o filme, visto que as mesmas têm mais informações agregadas que contribuem diretamente para narrativa, uma vez que essas mostram ao espectador realidades da comunidade que as ações das crianças por si só não são capazes de mostrar, tais como campos de futebol de terra, terrenos abandonados, lixo a céu aberto. Lugares que não oferecem segurança e conforto, onde podemos perceber o tamanho do descaso por parte da administração da cidade para com o bairro.

No início do minuto cinco usei uma cena onde os garotos recolhem um pedaço de caixa d'água e transportam para outro local, e ali, apesar de se tratarem de crianças, podemos vê-las se preocupando com as condições do bairro. Ao transportar o objeto, uma criança diz: “nós estamos aqui no bairro Heriqueta Prates fazendo a limpeza, nós queremos mais organização nesse bairro”. Esse questionamento mostra que apesar de se tratar de crianças, que elas podem até não saber sobre determinados temas, mas que criança sabe sim muitas coisas e tem muita consciência de muitas coisas, chegando muitas vezes a ter muito mais consciência do que nós adultos.

Apesar de que na cena em questão não dá para afirmar que elas realmente têm esse pensamento de cuidar do bairro, à medida que não é possível separar o que é brincadeira de consciência socioambiental, assim essa cena serve muito mais como uma pista do que virá adiante no filme. Em alguns trechos dessa cena inseri parte do áudio da entrevista feita com presidente da Associação de Moradores do bairro, onde o mesmo fala sobre os problemas

estruturais do bairro. Por se tratar de uma pessoa que trabalha à frente de um órgão institucionalizado (mesmo que não apareça), de alguma forma essa fala talvez por ser de um adulto, passa uma maior credibilidade aos problemas que as crianças nos apresentam.

Nota-se que, dessa cena para a seguinte, optei por cortar o plano diretamente para um plano em que Marcos e Flavio caminham pelo bairro, porém optei por iniciar o plano que se passa por volta do minuto 7 do filme, em uma parte que podemos notar que há uma rua asfaltada, o que tem como objetivo deixar um questionamento da parte do espectador, que ao longo do filme será respondido: essa rua é a principal do bairro, a única asfaltada. Mantive o áudio da entrevista sobre a cena, onde na mesma, o entrevistado, ao continuar a conversa, fala sobre o saneamento básico que chegou ao bairro somente 26 anos após o surgimento do mesmo. Para fazer um contraponto à indagação do entrevistado, alguns segundos após essa afirmação dele, deixei o áudio original do vídeo onde Marcos questiona o fato de a rua estar esburacada mesmo depois de ter sido instalada a rede de esgoto ali.

Esse questionamento se torna interessante em contraponto à afirmação do entrevistado, uma vez que o espectador poderá questionar que tipo de saneamento básico foi implantado ali. Para quais pessoas esse saneamento chegou? Será que chegou somente para os moradores da rua principal, assim como o asfalto? Essas e outras indagações poderão surgir apenas a partir desse contraponto, no qual diante da realidade do bairro e das políticas públicas que são implantadas nas administrações de todo o país se mostram necessárias. Na sequência, Marcos e Flavio entram por uma rua onde Marcos diz: “Olha lá embaixo, olha as crianças brincando!”, porém naquela rua não há ninguém além deles, muito menos crianças brincando.

Como a fala de Marcos é bastante pontual ela funciona perfeitamente para fazer a transição para a próxima sequência, onde realmente temos as crianças brincando. Para mim, apesar de ter utilizado um corte seco, considero uma das melhores transições do filme onde a fala serve como objeto de apresentação da cena seguinte. A cena em questão tem alguns garotos brincando de construir encanamentos, à medida que questionam os serviços prestados pela companhia de água e saneamento responsável pelo bairro. Próximo ao final do plano, a câmera subjetiva que estava em Plano Conjunto numa em ângulo *plongée* ou ângulo descendente se move em um movimento de panorâmica acompanhando um cachorro, onde podemos ver no horizonte um imenso terreno baldio com bastante lixo espalhado.

Na cena seguinte, Marcos está com os garotos em um galpão abandonado. Ele questiona os garotos sobre o estado do imóvel, que se trata de um antigo galpão que

trabalhava com reciclagem e que outrora sofreu um incêndio onde só sobraram as ruínas e a administração da cidade não buscou reconstruí-lo para proporcionar mais emprego e renda para aquela comunidade, o que é um dos grandes questionamentos dos moradores locais. Através de perguntas informais que Marcos faz aos garotos podemos enfim conhecer melhor um pouco daquele que outrora já fora um provedor de trabalho e renda para algumas famílias da comunidade, mas que hoje se encontra em completo abandono.

Na sequência há três cenas distintas. Uma remete às indagações do final do plano do galpão, onde novamente as crianças retomam o discurso referente às estruturas do bairro principalmente o saneamento básico. Para fazer a transição dessa cena para outra peguei esse gancho do discurso e utilizei um plano de Marcos caminhando por uma rua esburacada por onde um carro passa. A imagem é acompanhada do áudio de uma entrevistada que dá continuidade ao discurso das crianças sobre a realidade social e estrutural do bairro.

Logo após utilizei uma cena em que há algumas crianças brincando de futebol em um campo de terra batida, que por sua vez nos relembra do esporte mais praticado no país. Essas duas cenas juntas deixa um ar de contemplação e respiro nessa parte do filme, apesar da dura realidade por aquelas vividas, visto que ambas são cenas mais leves sem uma carga dramática pesada. Elas dão espaço para o espectador respirar para a sequência seguinte.

A cena em que as crianças correm por um terreno baldio nos passa a sensação de liberdade, mas à medida que elas correm e se aproximam de uma grande vala com bastante lixo essa sensação vai se dissipando e voltamos para a dura realidade social do lugar. A partir dos questionamentos e relatos dos mesmos, nós somos convidados a questionar o porquê aquela vala está ali e, de imediato, podemos perceber que há coleta de lixo no bairro por meio de carroças, mas há quantidade de materiais recicláveis dentro da vala e lixo espalhado nos terrenos abandonados.

Mas o mais chocante dessa cena talvez seja o relato que um dos garotos traz ao nosso conhecimento. Ele diz que a filha de uma colega dele estava transitando por aquele local e dois caras queriam abusar sexualmente dela, mas por não conseguirem efetuar o ato, a jogaram dentro daquela vala e menina ficou gravemente ferida. Esse relato é apenas uma fração da violência praticada contra as mulheres por todo o país durante todos os dias, não é exclusividade daquele local ou apenas das classes sociais mais baixas, é uma questão que infelizmente está inserida em toda a sociedade.

Apesar do áudio dessa e de outras cenas, por conta do vento, ficarem prejudicados com muitos ruídos, a colocação de legendas no filme foi bastante importante para amenizar o

problema, uma vez que a mesma permite aos alfabetizados, pois sabemos que infelizmente nem toda sociedade brasileira é, compreender melhor o que está sendo falado nas partes onde os ruídos dificultam a audição.

Aos treze minutos e trinta de filme, é retomada uma longa caminhada de Marcos e Flávio, onde eles continuam tendo uma conversa crítica, porém bastante informal sobre o bairro. A opção por retomar essa longa caminhada deles foi uma opção para manter a continuidade do filme, onde inicialmente eu iniciei com um longo percurso com os dois. Nas outras sequências, porém, geralmente temos apenas as imagens com sobreposições dos áudios das entrevistas ou as imagens iniciam com as entrevistas sobrepostas para depois entrar o diálogo deles ou vice-versa.

Essa sequência e as demais dos dois andando a partir do encontro com os outros garotos, apesar dos mesmos estarem a sós, nos passa a sensação que todos estão juntos, mas isso é apenas um efeito criado através da Montagem, a caminhada dos dois é intercalada com as demais ações das crianças ou paisagens urbanas. O que deixa o filme mais fluido, pois se fosse mostrá-los caminhando até as ações dos meninos, a montagem ficaria lenta e cansativa.

Após a sequência da caminhada, eu retomo a cena dos garotos na vala com bastante lixo jogado dentro. Optei por dividir a cena em dois momentos para não precisar mostrar os garotos procurando um local para adentrar a vala, na parte inicial eles se encontram fora, onde um sugere que eles adentrem. Como ficaria bastante longa e cansativa, corto para a caminhada e retomo com eles dentro da vala, mantendo assim a continuidade sem causar estranheza no corte, caso optasse por montar um intercalado ao outro.

Para dar sequência à cena da vala com lixo, utilizei uma cena que Marcos pega o celular e caminha por um terreno baldio filmando o lixo e o matagal. Apesar da evidente falta de estrutura, de alguma maneira essa cena traz calma ao espectador. Após o som da cena anterior se dissipar, ouvimos latidos de cachorros que, aos poucos, se dissipam. Passamos a ouvir apenas as pisadas de Marcos que caminha naquele ambiente. Aos poucos se ouve o canto de um pássaro que vai se intensificando e trazendo mais leveza à cena. A sequência é abruptamente interrompida pelos gritos dos garotos correndo com pedaços de árvores.

Como eu estava com uma cena de bastante leveza, precisava de uma cena para contrapor, assim optei por um corte seco para interromper bruscamente a leveza da cena anterior e trazer o espectador de volta para o caos do bairro. Essa cena é interessante não somente por vermos as crianças brincando felizes, mas pelo fato delas estarem se divertindo ao jogar lixo em um local que outrora elas desaprovavam.

Como a cena das crianças jogando os galhos de árvore na vala não tinha mais continuidade, o plano é somente aquilo que está sendo mostrado. Pensei em utilizar duas cenas em que as crianças praticam alguma brincadeira que traga uma tensão maior próxima ao final do filme. Porém, para que houvesse uma continuidade narrativa, precisava de uma cena para usar na transição, criando uma elipse¹. Assim também por falta de mais opções, visto que houve problemas técnicos com as imagens, usei uma cena em que um carro de motor barulhento passa por uma rua esburacada. Apesar de a câmera estar parada e fazer uma panorâmica acompanhando o veículo, ela nos remete à caminhada de Marcos e Flavio por entre o bairro.

Para o ápice do filme usei a sequência em que os garotos, por falta de qualquer estrutura física e social, se utilizam de tudo que eles encontram pela frente para brincar, inclusive jogar garrafas de vidro para cima e tentar quebrar chocando-a com outra que seguram na mão. Brincam, ainda, com uma cobra, como nas imagens que temos, mas fomos impossibilitados de usar por falta de autorização. Essa cena das crianças brincando com as garrafas de vidro, penso que poderia facilmente ser o final do filme. Ela traz toda a bagagem dramática que o filme se propõe, resume bem os riscos que as crianças estão suscetíveis, vivendo em um ambiente sem estruturas adequadas aos seus desenvolvimentos.

O objetivo era fazer um documentário não só para analisar melhor as questões sociais, mas despertar uma reflexão para ampliar as possibilidades sobre a discussão do bairro Henriqueta Prates. Por outro lado, optei por finalizar o filme retomando a caminhada de Marcos e Flávio, onde os dois caminham conversando em direção à entrada da cidade, que é representada pela rua principal, “a asfaltada”, onde Marcos como última fala traz uma frase bastante reflexiva: “Henriqueta Prates: um lugar cheio de histórias para contar”. Como última cena, vemos um garoto solitário brincando de bola em um terreno baldio em frente às ruínas do galpão, quase como aquelas mensagens motivacionais que nos diz para nunca desistir ou algo do tipo, mas penso que ela também representa a esperança daquele povo de futuro melhor.

¹ “A elipse é um “buraco” temporal na trama. Acompanhamos a ação até determinado momento e, no plano seguinte, nos deslocamos para o futuro. Esse “buraco” pode ter cinco minutos, uma hora, um dia, alguns meses, alguns anos, alguns séculos, ou até alguns milênios.” (GERBASE, 2014, p.42).

8.4 EDIÇÃO DE SOM

O processo de edição do som influenciou diretamente no resultado final da montagem do filme, visto que todo o material, áudio e imagem, foi captado com celular. Apesar de a tecnologia dos celulares estar bastante avançada e em constante desenvolvimento, os recursos desses aparelhos ainda não conseguem entregar um material com a mesma qualidade que uma câmera de cinema e gravadores de áudio profissionais. Além disso, se tentarmos comparar as câmeras de celulares com as câmeras fotográficas DSLR's, elas não conseguirão captar um trabalho com a mesma qualidade. As câmeras profissionais conseguem obter mais informação de imagem e, até mesmo, áudio que um celular por mais avançado de linha que seja o mesmo, o que não foi o nosso caso. Mas o fato de você não ter uma câmera profissional ou uma DSLR para fazer um filme não pode se tornar um empecilho para a sua produção, haja vista que a criatividade também é parte fundamental, e a técnica aplicada junto à criatividade fará seu filme acontecer de forma satisfatória.

No nosso caso como não dispúnhamos de uma câmera profissional e gravadores ou mesmo uma câmera DSLR, tivemos que usar o que tinha na mão, ou seja, dois celulares. Quando Marcos captou as imagens e vídeo, não foi surpresa encontrar arquivos de imagens e áudio com muito ruído, o que para a montagem se torna um problema a depender da gravidade incontornável. Na montagem do filme, foi preciso excluir muitas imagens devido às condições em que se encontravam imagens, muitas delas apresentavam subexposição, com pouca iluminação e com muito ruído, principalmente imagens que foram capturadas no fim de tarde. A opção foi descartá-las, o que prejudicou a montagem, já que essas imagens poderiam contribuir com a narrativa do filme.

Outro problema ainda mais grave foi o áudio que, pelo fato do mesmo ter sido captado nos celulares, a grande maioria das imagens teve o som prejudicado. As limitações sonoras tornaram-se um grande transtorno durante a montagem, pois à medida que se escolhia um *take* para utilizar, o áudio estava com bastante ruído, resultando em difícil compreensão das falas, especialmente as tomadas externas, onde há uma maior incidência de vento, o que interfere na captação. Para solucionar o problema tive de recorrer a algumas técnicas na montagem. Algumas imagens onde o visual tinha mais importância que o áudio, optei por deixar algumas sem som ou deixá-lo num nível pouco audível. Isso não resolveu todos os problemas, pois na grande maioria não foi possível utilizar essa solução, o que me fez recorrer a outras alternativas, fazendo o tratamento de som por meio de um software específico, o que

apenas amenizou o problema. Daí poque a utilização de legendagem de todo o filme para que os espectadores possam compreender todas as falas.

Contudo, apesar de todas as soluções executadas acima, surgiu um problema que se tornou complexo e que não consegui resolver completamente. No segundo plano do filme e na cena do galpão, existe um problema de falta de sincronia. O motivo é desconhecido, pois o mesmo arquivo bruto quando é colocado para reproduzir fora do programa de edição, está sincronizado. Porém, toda vez que era importado para o programa de edição ele reproduz fora de sincronia. O problema era tão grave que quando a boca do personagem estava fechada a fala continuava reproduzindo. Tentei sincronizar manualmente, mas não ficou perfeito. Melhorou bastante com relação ao que se encontrava. A sincronia foi feita sem nenhuma referência, apenas ouvindo o som e observando o movimento dos lábios do garoto conversando.

8.5 BACKUP

O backup do material do filme foi um processo bastante arriscado, visto que assim que o material foi captado se fez o processo de *logger* de todo o material no Laboratório de Animação e Montagem do Curso de Cinema e Audiovisual – UESB. Essa foi a única cópia que conseguimos fazer, pois o meu equipamento que seria utilizado para fazer uma cópia de segurança, um HD Externo com capacidade de armazenamento de 1 Terabyte, sofreu algumas quedas o que fez o mesmo ficar inutilizável.

Durante todo o processo de montagem do material, sempre existia o risco de dar tudo errado, pois os computadores do laboratório são utilizados para uso interno dos estudantes do curso de Cinema e Audiovisual e isso pode trazer risco a um arquivo que fica armazenado em qualquer máquina do laboratório. Outro problema é que ter apenas uma cópia do arquivo significa que a qualquer momento você pode perder todo o seu trabalho, pois se acontecer um erro técnico e não tiver como reverter, o seu trabalho está perdido, afinal você não disponibiliza ao menos de uma cópia de segurança.

O mínimo para se trabalhar com arquivos digitais, especialmente no setor audiovisual, é ter ao menos uma cópia de segurança dos arquivos que você está trabalhando, sendo que o ideal é ter mais de duas, pois se um arquivo der erro você tem outro para substituir. No nosso caso não foi possível ter uma cópia de segurança, ate pensei em fazer a

aquisição de um novo HD, porém eu não tinha capital necessário visto que o custo para se fazer a aquisição de um nas mesmas qualidades do anterior, fica por um custo de mais de R\$300,00. Sendo assim, tivemos que correr o risco de dar problemas nos arquivos ou de alguém apagá-los

Após já ter feito quase toda a montagem do filme, ainda havia a preocupação de alguém apagar o filme e os arquivos. Assim consegui um HD externo emprestado de uma amiga, o que possibilitou fazer uma cópia e salvar no meu computador de casa, ficando assim com pelo menos duas cópias do material: a do laboratório na qual eu estava montando e outra no computador de casa para eventuais problemas. Felizmente, no final deu tudo certo e não tivemos qualquer problema por conta disso.

9 USO DE IMAGENS E SONS

Quando há direito de imagem, nenhuma pessoa gosta de aparecer nas produções. Algumas pessoas ficam inseguras ou até mesmo envergonhadas de mostrar seus perfis socioeconômicos. Para proteger o entrevistado e a produção do filme de qualquer imprevisto, é necessário que haja um acordo para que se estabeleçam regras para o uso dessas imagens. Dessa maneira é redigido um termo autorização de uso de imagens e voz. O documento enfatiza a maneira pela qual imagens e sons serão utilizados. Qualquer produto audiovisual, seja ele documentário, ficção, ou entrevistas que não sejam destinadas ao uso da imprensa, é preciso ter em mãos o documento que assegure sobre as normas e regras para a produção audiovisual.

Caso os responsáveis pelas crianças, por exemplo, não tivessem autorizado a participação deles na obra, o correto seria não utilizar as imagens deles em nenhum momento do filme, a fim de evitar futuras implicações judiciais, como de fato fomos obrigados a fazer, visto que tínhamos imagens de alguns jovens que se mostravam bastante interessantes para o processo de construção da narrativa do filme. Porém, como apesar de já haveremos captado as imagens que no caso eram algumas crianças brincando em diferentes situações, fomos obrigados a desfazer do uso, mesmo depois de muitas conversas com os responsáveis pelas crianças, o que também acabou não prejudicando a narrativa do filme.

Para quem gosta de fotografar lugares, realizar entrevistas e revelar o cotidiano das pessoas, é muito importante ficar atento à Constituição que rege os direitos de uso de imagem.

O documento de autorização de uso de imagem e sons estipula os direitos e deveres de ambos os envolvidos, onde são acordados para que tipo de obra as imagens e sons serão destinados e onde essas imagens serão exibidas. Além disso, o documento trata sobre se as pessoas que estão retratadas nas imagens serão remuneradas ou não, independente se a obra será explorada comercialmente ou apenas exibida de forma gratuita. Esse documento dá segurança tanto ao realizador da obra, para que o mesmo não possa correr o risco de ficar impedido de explorá-la no futuro, quanto para a pessoa que aparece nas imagens que fica resguardada quanto à forma de exibição dessas imagens e sons.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de construção desse trabalho foi bastante árduo, mas também muito gratificante e enriquecedor. Ao olhar para trás ainda lá no processo de concepção da ideia projetando o caminho a percorrer, naquela fase de anseios por realizar tal projeto, ainda com aquela visão romantizada do fazer audiovisual, podemos ver que os caminhos pelos quais buscamos percorrer todos os dias independente da vida pessoal ou profissional, na produção de um produto audiovisual ou na construção de uma cadeira, ou apenas em nossos relacionamentos interpessoais, nos moldam como ser. À medida que damos cada passo a frente ou atrás, seja ele bom ou ruim isso se torna parte da construção de um todo.

Quando paramos para refletir acerca da produção desse filme, podemos tirar boas lições, mas também ver que tem outras ruínas. Quando ainda no início do trabalho só tinha Marcos, com uma ideia na cabeça e sem uma câmera na mão, pudemos ver que mesmo ali naquele momento o fazer audiovisual, principalmente independente no Brasil ou o chamado Cinema de Guerrilha, deve muito a esses não só apaixonados pela cinematografia, mas a esses que diante de todas as adversidades acreditam em algo e não medem esforços para atingir os seus objetivos. Muitos diriam lá atrás por volta do ano de 2016 que esse filme jamais aconteceria, mas podemos dizer que quem pensou assim estava completamente equivocado.

Vejamos. O filme foi rodado na era de um crescimento tecnológico dos *smartphones*, onde esses providos de alta tecnologia com processadores e câmeras mais potentes que celulares convencionais, ainda que não se possa compará-los com cameras DSLR's ou estrutura de *broadcasting* (televisão) ou cinema. Esses, por sua vez, na falta de qualquer outro equipamento como camera DSLR, gravadores externos de áudio e microfones, nos proporcionou uma saída para que esse filme fosse realizado. Ainda que não tenha saído com a qualidade técnica desejada por todos, não consideramos que o mesmo em conteúdo tenha deixado a desejar.

Ao optar por captar as imagens com o celular ou ser a única saída encontrada para realizar o filme, de antemão já era evidente que o resultado técnico final das imagens e áudio não seriam dos melhores, mas diante de experiências praticadas a priori em aulas de documentário ministradas pelo professor Glauber Lacerda, pudemos praticar e entender melhor como aplicar o uso do celular em uma produção audiovisual. Pudemos compreender todas as limitações técnicas e explorar as possibilidades. Quando se tem tantas limitações tecnológicas, além de um minucioso planejamento, a história a ser contada deve ter um

grande grau de capacidade de diálogo ou as pessoas que outrora estão habituadas com filmes feitos com alta tecnologia podem não se interessar para ver o seu filme.

O que esse filme tem de melhor com certeza é a mensagem que ele passa. É uma história que remete a ideia de emoção e de alegria. Mas para chegar a esse resultado foi exigida muita reflexão acerca de todo o material que tínhamos em mãos. A mensagem que queríamos transmitir, tomar cuidado para não passar a mensagem errada, não denegrir a imagem de alguém e dessa forma buscar trazer o público para mais próximo da realidade mostrada. Como na captação das imagens já havia o uso frequente de câmera subjetiva, este recurso foi incorporado ao processo de montagem, visto que a subjetiva traz essa facilidade ao se tornar a visão do espectador colocando-o assim mais próximo daquela realidade.

Acredito que a opção por trazer o espectador para mais próximo da narrativa foi a mais acertada, apesar de todas as dificuldades para se chegar a esse objetivo. Talvez se esse filme houvesse sido captado em DSLR ou câmeras profissionais, ele fosse mais bem recepcionado em mostras e festivais de cinema. Fico pensando que se tivéssemos trabalhado com uma câmera que captasse as imagens em 360° para que o filme fosse assistido em VR – Realidade Virtual, a proposta de inserir o espectador na realidade do bairro seria melhor alcançada, mas quem sabe esse seja realizado em um próximo momento, quando os anseios da comunidade já tenham sido atendidos e possamos fazer um filme não sobre falta de estruturas, mas como a presença delas traz mais qualidade de vida para aqueles que ali residem.

11 REFERÊNCIAS

- AMIEL, Vincent. **Estética da Montagem**. 1. ed. Lisboa: Edições Texto e Grafia, Rio de Janeiro: Azouge, 2010.
- CORRÊA, Roberto Lobato Corrêa; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 1 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CUNHA, Oswaldo Norbim Prado. "**O celular e as novas estéticas audiovisuais**". 2010. Disponível em: <
http://www.fafich.ufmg.br/labmidia/novosformatos2/arquivos/oswaldo_celular.pdf>. Acesso em: 05/11/2017.
- EISENSTEIN, Sergei. **A Forma do Filme**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- EISENSTEIN, Sergei. **O Sentido do Filme**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- FERRAZ, Ana Emília de Quadros. **O Urbano em Construção Vitória da Conquista: o retrato de duas décadas**. 1. ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2001.
- GAUTHIER, Guy. **O Documentário: Um Outro Cinema**. 1. ed. Campinas: Papyrus, 2011.
- GERBASE, Carlos. "**A Elipse como estratégia narrativa nos seriados de TV**". 2014. Disponível em:
 <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9730/2/A_elipse_como_estrategia_narrativa_nos_seriados_de_TV.pdf>. Acesso em: 05/11/2017.
- GOODE, Erich. **Sociology**. 1. ed. New Jersey: Prentice-Hall, 1984.
- NOVAIS, Suzimar dos Santos. "**Mulheres sertanejas: política e economia no sertão da ressaca (1840-1920)**". 2011. Disponível em:
 <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/13320/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Suzimar%20dos%20Santos%20Novais.pdf>>. Acesso em: 05/11/2017
- OLIVIERI, Silvana. **Quando o Cinema Vira Urbanismo: o documentário como forma de abordagem da cidade**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, PPGAU; Florianópolis: ANPUR, 2011.

RODRIGUES, Chris. **O Cinema e a Produção**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

12 ANEXOS

Transcrição dos diálogos do filme *Lugar Icomum*.

LEGENDA

PLANO 1

É verdade Flavio, a gente passeia por esse local e percebe muita desorganização e a gente se depara com essa realidade, não é verdade? O que que você acha daqui?

Flavio - Eu acho que, é um bairro muito populoso, mas o saneamento básico não tem, não é verdade?

Marcos- Com certeza, você vai na Vila Serrana, você vai na Urbis 5, você vai no Bairro Brasil e você não encontra isso, agora aqui uma precariedade, uma desorganização, as pessoas não se conscientizam, não é verdade?

Flavio – É um bairro populoso só que não tem saneamento básico.

Marcos – Populoso em que sentido, você poderia explicar?

Flavio – Não sei, tipo, muita gente, é.

Marcos – Lugar é complicado, não é verdade? A gente passeia a gente não encontra nenhuma solução.

Flavio – Olha a solução ai ó, matou, matou ganhou, oi!

Marcos – Rapaz são tantas histórias para contar né, a gente se perde no tempo e no espaço!
(Titulo)

PLANO 2

Marcos – E aê Bodinho me conta umas histórias boas ai!

Bodinho – Tava jogando bola ali agora vei.

Flavio – Perai, vamos falar de sua rua, vamos falar de sua rua.

Bodinho – jogando bola alia agora, foi bom demais viu.

Marcos – E ai fez quantos gols?

Bodinho – Só fiz uns dois por ai.

Flavio – Vamos falar de sua Rua Bodão.

Bodinho – Dei sainha.

PLANO 3

Marcos – O que você acha do bairro Henriqueta Prates?

Samira – Bem, eu acho assim um bairro bom, em certo sentido é um bairro bom não é um bairro ruim para viver, só que acontecem muitas coisas aqui que eu não gosto, sabe, muitas coisas que eu não gosto, mais tirando isso eu acho um bairro bom pra se morar, pra se viver, gosto muito daqui.

Carlos - Eu acho que é um bairro, eu acho que aqui pra mim eu não tenho o que dizer sabe, é pra mim é tudo de bom apesar de faltar, de nós não ter saneamento básico, não tem, é o posto de saúde é lá no recanto das arvores, nós não tem posto de saúde aqui no Henriqueta, mas pra mim é tudo de bom, por enquanto é tudo de bom.

PLANO 4/5

Marcos – Quais equipamentos urbanos que chamam mais atenção de sua parte, você poderia exemplificar alguns pontos que mais chama a atenção?

Samira – Aqui no Henriqueta, bem depende como é que cê ta me perguntando por que.

Marcos – Quanto ao saneamento básico, asfalto, área de lazer, se existe ou não na sua opinião.

Samira – Bem, na minha opinião podia ter mais né, podia ter mais porque não é todas as ruas que tem asfalto né, não é todas as ruas, a principal tem asfalto mais direto vejo água escorrendo né, acho que isso tinha que parar, porque isso agora com esse mosquito da dengue,

essa água escorrendo, água parada pode prejudicar a população desse bairro e de outros também vizinhos né.

PLANO 7

Renan – Eeh!

M – Pega a bola lá Renan é nossa, Aê rapaziada esse é o campo do Henriqueta!

N – Aquela droga tá debaixo do meu aqui oh, beleza!

M – Vai caralho!

N – Dos vídeo passado hoje aqui oh, aqui é paizão, vai Renan!

M – Vai Renan, bora!

M – Dá a bola Renan, o que é moço?

Renan – A bola é minha, mais rapaz!

Marcos – Quase levou o gol.

Renan – Vai, vai, vai!

M – Oh o gol ai oh!

Renan – Gool!

N – Ainda perdeu o gol!

PLANO 8

ENTREVISTADO – Eu acredito que a área de esporte trás benefícios para os adolescentes, ate para as pessoas que ainda estão na fase de amadurecimento que ainda correm um pouquinho também podem usufruir do lazer também, tá entendendo!

MARCONDES – Não temos uma, por exemplo uma área de esporte e lazer, nós não temos sequer um campo de chão, de terra de chão batido aqui na comunidade Henriqueta Prates, para que a juventude e aqueles adultos que gostam de praticar esporte, possam assim praticar o esporte mais popular da nossa nação que é o futebol, Então a gente é, tem essa série de dificuldade.

GAROTO- Nós estamos aqui no bairro Henriqueta Prates fazendo a limpeza, nós queremos mais organização nesse bairro.

Vocês reparam nisso aqui crianças brincando aqui, sai escorpião pica vai ter que ir pro hospital!

GAROTO 2- É esses cara é tudo besta né.

MARCONDES- A comunidade Henriqueta Prates, é uma comunidade de caráter periférico e de um publico com um perfil social baixo e lamentavelmente em função de uma serie de falta, de uma falta de uma serie de serviços aqui na nossa comunidade, serviços como, é o esgotamento sanitário que somente agora no mês de Julho de 2016, ou seja, quase 26 anos depois é que começa a chegar esse serviço.

MARCOS – O Flavio me explica uma, o que é isso aqui velho?

FLAVIO- Isso?

MARCOS- Sim

FLAVIO – É um buraco!

MARCOS- É um buraco, não havia implantado uma rede de esgoto a dias aqui?

FLAVIO- Sim.

MARCOS – E porque esse esgoto preva moldadas. Nossa Flavio é tão complicado andar por esse lugar a gente não vê tamanha resistência, o sol esta quente. Oh lá embaixo, oh as crianças brincando, caramba velho!

CRIANÇAS BRINCANDO –

CRIANÇA- Fazendo uma limpeza aqui né, tentar abrir um cano aqui.

Vomos tentar né?

CRIANÇA 2- Né!

CRIANÇA 3- É mais uma pessoa aqui no bairro de Vitoria da Conquista.

CRIANÇA 2- Aqui nos vai botar o cano aqui, sai da frente.

CRIANÇA 1 – Marcão ta filmando moço!

Nos vai tentar botar o cano aqui oh.

CRIANÇAS- E se ficar aqui vai dar essas coisa, esses trem vei de.

MARCOS- E por que a própria empresa responsável por este, por este galpão não se responsabiliza pela limpeza geral?

CRIANÇA – Não é!

MARCOS – É, Bodinho na sua opinião o que que deveria ser aqui?

CRIANÇA – Um galpão de reciclagem, de vender as coisas, essas coisas assim.

MARCOS- Mas por que as pessoas só vem pra cá para fazer coisa errada?

Complicado né!

CRIANÇA – Escuro, tem canto que as policia não vem.

MARCOS- Olha pra isso gente!

Segundo as informações dos moradores, muitos afirmaram que o pilar, o pilar não, o principal motivo da destruição desse galpão foi justamente um morador deste bairro ter provocado o incêndio.

CRIANÇA – Sim

CRIANÇA – Não

MARCOS- Por que não?

CRIANÇA – Porque não, não.

MARCOS- Por que sim Flavio?

CRIANÇA- Porque sim, porque eu sei quem foi o morador desse risco, dessa causa, que causou isso.

MARCOS- Mas as autoridades não se mobilizaram de forma alguma pra fazer a limpeza desse lugar, porque olha só a situação, olha só pra isso, todo destelhado, pelo amor de Deus velho.

E essa lixeira lá, pra que aquela lixeira?

CRIANÇA – essas coisas velhas né.

MARCOS- Que bairro.

CRIANÇA – Bairro sem futuro.

MARCOS- Olha velho, animal morto, olha a situação.

CRIANÇA – Cachorro morto.

MARCOS- A gente olha assim, dentre os ângulos, olha, olha pra isso gente, é inadmissível né velho.

CRIANÇA – Olha, olha ai.

CRIANÇA – Perigoso de pisar ai oh.

MARCOS- Que situação hein!

CRIANÇA – Que situação desse bairro Henriqueta Prates, meu Deus do céu.

MARCOS- É você vai nos outros bairros você não entra isso né velho.

CRIANÇA – Não é!

MARCOS- Que verdade hein!

CRIANÇA – A gente tava falando ali agora do saneamento básico, você pode ir na Vila Serrana, nos outros bairros ai você vai ver o saneamento básico, agora procura o saneamento básico aqui no Henriqueta!

CARRO PASSA NA RUA DE TERRA

MARCOS- O que você acha com relação às crianças né que brincam em campos de futebol de terra batida, em terrenos baldios, e principalmente no galpão do Recicla Conquista, que são lugares assim que oferecem muitos riscos, onde há animais peçonhentos como Lacraias, Cobras, Escorpiões, e esses lugares não são lugares adequados para crianças brincarem, mas eu vejo muitas crianças nesses lugares brincando com muita frequência e isso é um fator de risco. Na sua opinião, o que você acerca disso?

ENTREVISTADA- Pra mim é uma questão que pra mim é muito triste sabe, porque vai que Deus não deixa né, mas vai que acontece alguma criança sofre alguma coisa, um inseto venenoso, pra mim aqui no Henriqueta podia ter uma quadra né, pras crianças brincarem, os adolescentes também né, gostam de jogar bola, que gostam de fazer atividade ali, podia ter uma quadra pra isso mesmo, pra mim, na minha opinião podia ter uma quadra ali, pras crianças, só pras crianças, os adolescentes que gostam de brincar, sabe.

CRIANÇA – Olha que feio no nosso bairro, um buraco desse tamanho.

Isso aqui que era para estar descendo água, está cheio de lixo.

Já era para estar fechado esse treco.

MARCOS- Muito fundo né gente, que situação hein!

CRIANÇA- Né, tem que arrumar, fazer alguma coisa.

CRIANÇA- Uma filha de uma colega minha tava passando por aqui. veio dois caras e pediu para fazer ousadia com ela, jogou ela aqui dentro, quebrou um braço e uma perna, pode isso minha gente? Não né!

CRIANÇA- Isso não pode acontecer.

CRIANÇA- Olha a situação desse lixo!

MARCOS- Esse buraco é muito fundo e isso é muito complicado para vocês que gostam tanto de brincar né.

CRIANÇA- Né e perigo.

MARCOS- É uma situação perigosa, situação de alguém machucar, cair. Muito grande o buraco viu, não tem nem condições.

MARCOS RUA INICIO DO BAIRRO

MARCOS- Cara a gente está bem no início do Henriqueta, e a gente vê um campo de futebol, uma rede vazia.

FLAVIO- duas no caso né!

MARCOS- É verdade, Flavio me diz uma coisa, a gente está passeando e percebe que há uma certa distorção né, muito né, se depara muito com essa realidade crítica que o bairro apresenta, não é uma tarefa fácil, os equipamentos urbanos faltam demais, falta uma quadra poliesportiva, uma área de lazer confortável.

VALETA-

CRIANÇA- Olha que situação dessas coisas, o povo do Henriqueta Prates não melhora nada.

MARCOS- Por que em todo local se encontra tanto lixo?

CRIANÇA- Não é, povo não entende oh. Vim ver isso aqui, esse negocio aqui.

MARCOS- Você acha que esse lixo incomoda tanto pra quem mora aqui?

CRIANÇA- Incomoda, incomoda, o fedor, o fedor das coisas, fedor do lixo, do esgoto, incomoda tudo isso aqui.

MARCOS- Há quanto tempo você mora aqui?

CRIANÇA- Há sete anos.

MARCOS- O que mais se vê aqui neste bairro é exatamente esse tanto de lixo que incomoda tanto a vida de quem mora aqui?

CRIANÇA- Incomoda

MARCOS- Você acha que a melhoria seria o suficiente para dar suporte a este bairro?

CRIANÇA- Dava, ia melhorar, ia fazer as coisa tudo aqui.

PUXANDO AS ARVORES-

CRIANÇAS- Tem que jogar esse lixo.

CRIANÇA- Joga esse lixo aqui pra você ver.

CRIANÇA- Caindo.

CRIANÇA- Coloca pra dentro.

QUEBRANDO GARRAFAS

CRIANÇA- Bora!

Bomba de ...

CAMINHADA PARA RUA PRINCIPAL

MARCOS- Nossa incrível!

CRIANÇA- Olha outro noiado lá.

MARCOS- O cara ta subindo né.

CRIANÇA- Outro noia.

MARCOS- Quem é aquele menino?

CRIANÇA- Claudinei

MARCOS- Claudinei, e tu conhece?

CRIANÇA- Conheço.

MARCOS- Gente boa?

CRIANÇA- não!

MARCOS- Não! Como é que é o histórico dele aqui?

CRIANÇA- Você não ficou sabendo não, ele ja foi, levou ele lá pro complexo duas vezes, complexo não, pro negócio, Conselho Tutelar, levou ele duas vezes já.

MARCOS- Henriqueta Prates, um lugar cheio de histórias pra contar!

NO GALPÃO

MARCOS – O que que vocês veem de ruim, de negativo aqui nesse lugar? pode contar ai.

CRIANÇAS – Lixos, muito sujo.

MARCOS – Roupa velha,

CRIANÇAS- Roupa velha jogada.

MARCOS- Muita roupa suja, muita roupa velha.

CE

CRIANÇA 2 - O cano aqui oh.

CRIANÇA 1 - O cano de água.

Bora tentar ai.

Bora lá na valeta Marcão!

CRIANÇA 4 – Bora ajeitar isso aqui né não gente! Esses povo da embasa é tudo gente ruim, né vei?

Isso aqui tem que ter melhoria, esse bairro olha véi como é feio!

Tem que ter melhoria aqui nesse bairro ta muito sujo.

Oh o cachorro gente, tá muito sujo.

CENA GALPÃO

MARCOS – O que que vocês veem de ruim, de negativo aqui nesse lugar? pode contar ai.

CRIANÇAS – Lixos, muito sujo.

MARCOS – Roupa velha,

CRIANÇAS- Roupa velha jogada.

MARCOS- Muita roupa suja, muita roupa velha.

CRIANÇAS- E se ficar aqui vai dar essas coisa, esses trem vei de.

MARCOS- E por que a própria empresa responsável por este, por este galpão não se responsabiliza pela limpeza geral?

CRIANÇA – Não é!

MARCOS – É, Bodinho na sua opinião o que que deveria ser aqui?

CRIANÇA – Um galpão de reciclagem, de vender as coisas, essas coisas assim.

MARCOS- Mas por que as pessoas só vem pra cá para fazer coisa errada?

Complicado né!

CRIANÇA – Escuro, tem canto que as policia não vem.

MARCOS- Olha pra isso gente!

Segundo as informações dos moradores, muitos afirmaram que o pilar, o pilar não, o principal motivo da destruição desse galpão foi justamente um morador deste bairro ter provocado o incêndio.

CRIANÇA – Sim

CRIANÇA – Não

MARCOS- Por que não?

CRIANÇA – Porque não, não.

MARCOS- Por que sim Flavio?

CRIANÇA- Porque sim, porque eu sei quem foi o morador desse risco, dessa causa, que causou isso.

MARCOS- Mas as autoridades não se mobilizaram de forma alguma pra fazer a limpeza desse lugar, porque olha só a situação, olha só pra isso, todo destelhado, pelo amor de Deus velho.

E essa lixeira lá, pra que aquela lixeira?

CRIANÇA – essas coisas velhas né.

MARCOS- Que bairro.

CRIANÇA – Bairro sem futuro.

MARCOS- Olha velho, animal morto, olha a situação.

CRIANÇA – Cachorro morto.

MARCOS- A gente olha assim, dentre os ângulos, olha, olha pra isso gente, é inadmissível né velho.

CRIANÇA – Olha, olha ai.

CRIANÇA – Perigoso de pisar ai oh.

MARCOS- Que situação hein!

CRIANÇA – Que situação desse bairro Henriqueta Prates, meu Deus do céu.

MARCOS- É você vai nos outros bairros você não entra isso né velho.

CRIANÇA – Não é!

MARCOS- Que verdade hein!

CRIANÇA – A gente tava falando ali agora do saneamento básico, você pode ir na Vila Serrana, nos outros bairros ai você vai ver o saneamento básico, agora procura o saneamento básico aqui no Henriqueta!

CARRO PASSA NA RUA DE TERRA

MARCOS- O que você acha com relação às crianças né que brincam em campos de futebol de terra batida, em terrenos baldios, e principalmente no galpão do Recicla Conquista, que são

lugares assim que oferecem muitos riscos, onde há animais peçonhentos como Lacraias, Cobras, Escorpiões, e esses lugares não são lugares adequados para crianças brincarem, mas eu vejo muitas crianças nesses lugares brincando com muita frequência e isso é um fator de risco. Na sua opinião, o que você acerca disso?

ENTREVISTADA- Pra mim é uma questão que pra mim é muito triste sabe, porque vai que Deus não deixa né, mas vai que acontece alguma criança sofre alguma coisa, um inseto venenoso, pra mim aqui no Henriqueta podia ter uma quadra né, pras crianças brincarem, os adolescentes também né, gostam de jogar bola, que gostam de fazer atividade ali, podia ter uma quadra pra isso mesmo, pra mim, na minha opinião podia ter uma quadra ali, pras crianças, só pras crianças, os adolescentes que gostam de brincar, sabe.

CRIANÇA – Olha que feio no nosso bairro, um buraco desse tamanho.

Isso aqui que era para estar descendo água, está cheio de lixo.

Já era para estar fechado esse treco.

MARCOS- Muito fundo né gente, que situação hein!

CRIANÇA- Né, tem que arrumar, fazer alguma coisa.

CRIANÇA- Uma filha de uma colega minha tava passando por aqui. veio dois caras e pediu para fazer ousadia com ela, jogou ela aqui dentro, quebrou um braço e uma perna, pode isso minha gente? Não né!

CRIANÇA- Isso não pode acontecer.

CRIANÇA- Olha a situação desse lixo!

MARCOS- Esse buraco é muito fundo e isso é muito complicado para vocês que gostam tanto de brincar né.

CRIANÇA- Né e perigo.

MARCOS- É uma situação perigosa, situação de alguém machucar, cair. Muito grande o buraco viu, não tem nem condições.

MARCOS, RUA INICIO DO BAIRRO

MARCOS- Cara a gente está bem no início do Henriqueta, e a gente vê um campo de futebol, uma rede vazia.

FLAVIO- duas no caso né!

MARCOS- É verdade, Flavio me diz uma coisa, a gente está passeando e percebe que há uma certa distorção né, muito né, se depara muito com essa realidade critica que o bairro apresenta, não é uma tarefa fácil, os equipamentos urbanos faltam demais, falta uma quadra poliesportiva, uma área de lazer confortável.

VALETA-

CRIANÇA- Olha que situação dessas coisas, o povo do Henriqueta Prates não melhora nada.

MARCOS- Por que em todo local se encontra tanto lixo?

CRIANÇA- Não é, povo não entende oh. Vim ver isso aqui, esse negocio aqui.

MARCOS- Você Acha que esse lixo incomoda tanto pra quem mora aqui?

CRIANÇA- Incomoda, incomoda, o fedor, o fedor das coisas, fedor do lixo, do esgoto, incomoda tudo isso aqui.

MARCOS- Há quanto tempo você mora aqui?

CRIANÇA- Há sete anos.

MARCOS- O que mais se vê aqui neste bairro é exatamente esse tanto de lixo que incomoda tanto a vida de quem mora aqui?

CRIANÇA- Incomoda

MARCOS - Você acha que a melhoria seria o suficiente para dar suporte a este bairro?

CRIANÇA- Dava, ia melhorar, ia fazer as coisa tudo aqui.

PUXANDO AS ARVORES-

CRIANÇAS- Tem que jogar esse lixo.

CRIANÇA- Joga esse lixo aqui pra você ver.

CRIANÇA- Caindo.

CRIANÇA- Coloca pra dentro.

QUEBRANDO GARRAFAS

CRIANÇA- Bora!

Bomba de ...

CAMINHADA PARA RUA PRINCIPAL

MARCOS- Nossa incrível!

CRIANÇA- Olha outro noiado lá.

MARCOS- O cara ta subindo né.

CRIANÇA- Outro noia.

MARCOS- Quem é aquele menino?

CRIANÇA- Claudinei

MARCOS- Claudinei, e tu conhece?

CRIANÇA- Conheço.

MARCOS- Gente boa?

CRIANÇA- não!

MARCOS- Não! Como é que é o histórico dele aqui?

CRIANÇA- Você não ficou sabendo não, ele ja foi, levou ele lá pro complexo duas vezes, complexo não, pro negócio, Conselho Tutelar, levou ele duas vezes já.

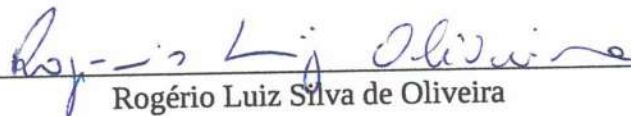
MARCOS- Henriqueta Prates, um lugar cheio de histórias pra contar!



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 16.825, de 04.07.2016
Colegiado do Curso de Cinema e Audiovisual - CCCA

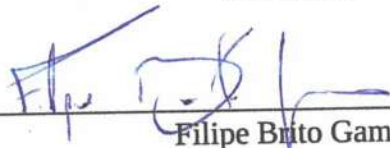
ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezessete dias do mês de novembro de dois mil e dezessete, às quatorze horas e trinta minutos, na Sala de Exibição Jorge Melquisedeque no campus de Vitória da Conquista, realizou-se a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade Documentário, intitulado: "Lugar Incomum", de autoria dos estudantes Jossiel Novais Meira e Marcos Silva Rodrigues para obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Integraram a Banca os Professores Rogério Luiz Silva de Oliveira (Orientador), Filipe Brito Gama (Área de Cinema e Audiovisual-DFCH), Éder Amaral e Silva (Área de Cinema e Audiovisual-DFCH) e Erika Porto Grisi (Professora da Faculdade Independente do Nordeste - FAINOR). O orientador abriu a sessão agradecendo a participação dos membros da Banca Examinadora, em seguida convidou os estudantes para que fizessem a exposição do trabalho. Finalizada a apresentação, cada membro da Banca Examinadora realizou a arguição dos estudantes. Dando continuidade aos trabalhos, o orientador solicitou a todos que se retirassem da sala para que a Banca Examinadora pudesse deliberar sobre o trabalho apresentado. Terminada a deliberação, o orientador solicitou a presença de todos e leu a ata dos trabalhos declarando os referidos estudantes (APROVADOS) com nota final (9,5 - nove vírgula três). Em seguida, deu por encerrado os trabalhos lavrando a presente ata que vai assinada por todos os membros da Banca Examinadora.



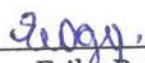
Rogério Luiz Silva de Oliveira

Presidente



Filipe Brito Gama


Éder Amaral e Silva


Erika Porto Grisi